

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E ENSINO SUPERIOR



**Departamento das Ciências Sociais e
Humanas**

Curso: Estudos Caboverdianos e Portugueses

Trabalho científico para obtenção do grau de Licenciatura



TEMA

*Uma Abordagem Didáctica de “Contra Mar e Vento”, de
Henrique Teixeira de Sousa. Contributos Para a Prática da
Língua Segunda*

Apresentado por:

Mariazinha Rodrigues Pereira

Orientado por:

Mestre Dra. Maria de Lourdes Lima

Praia, Junho de 2010

UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

Trabalho científico para obtenção do grau de Licenciatura

<i>TEMA</i>
<i>Uma Abordagem Didáctica de “Contra Mar e Vento”, de Henrique Teixeira de Sousa. Contributos Para a Prática da Língua Segunda</i>

Elaborado por: Mariazinha Rodrigues Pereira

E aprovado pelos membros do Júri, foi homologado pelo Conselho Científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Estudos caboverdianos e portugueses.

O JÚRI:

Presidente _____

Orientadora _____

Arguente _____

Praia, aos _____

UNI-CV/PRAIA/JUNHO 2010

Dedicatória

À memória da minha mãe

Gisela Leonor Mendes Rodrigues.

Agradecimentos

Para que fosse possível a realização deste trabalho, foram precisos muitos anos de trabalho e dedicação.

Em primeiro lugar agradeço à Mestre Dra. Maria de Lourdes Lima pela forma como me orientou neste trabalho, sempre bem disposta e incansável.

À memória da minha mãe e da minha avó, ambas eternas lembranças.

Gostaria também de agradecer aos meus familiares, meu pai Tito, meus irmãos Eurico, Tito e Carlos pela força, pela ajuda e coragem que me têm dado ao longo de toda a minha carreira estudantil, a eles o meu reconhecimento e minha gratidão.

Ao meu esposo João que tem sido a razão da minha luta nesta vida, agradeço sobretudo por me ter compreendido nas minhas horas de preocupação, falta de atenção e por tudo o mais, a ele, todo o meu amor e carinho.

Aos meus sobrinhos Luna Tiana, Tito Lino e Alcinda Gisela, a eles todo o meu amor e carinho.

Finalmente agradeço a todos aqueles que directa ou indirecta colaboraram comigo, para que hoje eu tenha realizado este sonho, a todos muito obrigada.

Índice

1. Introdução	5
1.1 Apresentação/Justificação do Tema	5
2. Pergunta de partida	8
3. Hipóteses	8
4. Enunciação dos objectivos	8
4.1 Objectivos Gerais	8
4.2 Objectivos Específicos	9
5. Metodologia	9
6. Estruturação do texto	10
 Capítulo 2: Henrique Teixeira de Sousa: Vida e influências recebidas pelo autor	11
2.1 A vida	11
2.1.2 Influências recebidas pelo autor	12
 Capítulo 3: Fundamentação Teórica	13
3.1 Didáctica	13
3.2 Didáctica Geral/ Didáctica Especial	14
3.3 Língua	15
3.4 Língua Materna	16
3.5 Língua Segunda	16
3.5.1 Ensino da língua segunda em Cabo Verde	17
3.5.2 Opinião de Teixeira de Sousa relativamente à língua caboverdiana e à língua portuguesa	19
 Capítulo 4: Aplicação didáctica nos contos de Teixeira de Sousa no ensino secundário	21
4.0 Breve historial do conto	21
4.1 Análise dos diferentes contos de Teixeira de Sousa	23

4.1.1 Síntese do conto <i>Menos Um</i>	23
a) Personagem/Narrador.....	23
b) Espaço	24
c) Características temáticas.....	25
4.1.2 Síntese do conto <i>A Família de Aniceto Brasão</i>	26
a) Personagem.....	27
b) Espaço	28
c) Características temáticas.....	29
4.1.3 Síntese do conto <i>Dragão e Eu</i>	29
a) Personagem.....	29
b) Espaço	30
c) Características temáticas.....	31
4.1.4 Síntese do conto <i>Raiva</i>	31
a) Personagem... ..	32
b) Espaço	32
c) Características temáticas.....	32
4.1.5 Síntese do conto <i>Barrilinho de Azeite</i>	33
a) Personagem.....	33
b) Espaço	34
c) Características temáticas.....	34
4.1.6 Síntese do conto <i>Contra Mar e Vento</i>	34
a) Personagem.....	35
b) Espaço	35
c) Características temáticas.....	36
d) Estrangeirismos/Topónimos	36
4.1.7 Síntese do conto <i>Encontro</i>	38
a) Personagem... ..	39
b) Espaço	39
c) Características temáticas.....	40
d) Estrangeirismos	40
4.2 Problematizar as necessidades de conhecer o português na sua diversidade e propor actividades de exploração dos contos.....	41

4.2.1 Quadro de análise das estruturas linguísticas que mostram o português a ser modificado pela transferências da língua caboverdiana na obra de Teixeira de Sousa.....	43
4.2.2 Identificação e exemplificação de alguns processos sintáticos ocorridos em alguns contos do autor.....	50
4.2.3 Conceptualização da narração, da descrição e do diálogo/ Modos de expressão literária	52
4.2.4 Temáticas comuns nos diferentes contos.....	56
4.2.5 Formas de tratamento.....	57
4.2.6 Figuras de estilo.....	60
4.2.7 Glossário.....	63
Conclusão	68
Bibliografia.....	70
Anexo	
1 Obras do autor	
2 Características linguísticas encontradas nos diferentes contos do autor	
3 Contributos para uma reedição do texto	

1 Introdução

1.1 Apresentação/Justificação do Tema

O presente trabalho de fim-de-curso desenvolve-se no contexto da conclusão da Licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses, pela Universidade de Cabo Verde. Este curso constitui um dos pilares básicos para a realização de actividades no âmbito pedagógico, segundo métodos didácticos que decorrem da reflexão e investigação. Estas são as bases para surgirem novas propostas de ensino-aprendizagem no ensino secundário visando aperfeiçoar as práticas educativas em Cabo Verde.

Escolheu-se como tema deste trabalho: *Uma Abordagem Didáctica de “Contra Mar e Vento”, de Henrique Teixeira de Sousa. Contributos para a Prática da Língua Segunda*. O objectivo é analisar os textos de Teixeira de Sousa enquanto representações da realidade cabo-verdiana e propor a sua exploração didáctica no ensino secundário, tendo em conta o contexto sociolinguístico de Cabo Verde, como explicado a seguir.

“Língua segunda” é a classificação para o português em Cabo Verde onde é a língua oficial, aprendida na escola, língua de contactos com o exterior, por isso, considerou-se pertinente um trabalho aprofundado sobre a prática da língua portuguesa partindo dos textos de Teixeira de Sousa, pela riqueza e diversidade das questões que a sua análise permite, no âmbito do ensino da língua, tendo a literatura como recurso. Ainda, porque a “língua segunda” apresenta algumas dificuldades aos alunos, o professor deve fazer propostas para levá-los ao sucesso na utilização da língua portuguesa. Ora a abordagem didáctica dos textos literários pretende contribuir para atingir esse objectivo: o da prática da “língua segunda”. Assim, e para exemplificar a escolha deste autor, apresenta-se um dos seus textos: *Contra Mar e Vento*. Este é uma colectânea de contos ambientados na ilha do Fogo, com os quais, no dizer de Manuel Ferreira, “Teixeira de Sousa ganha, de vez um lugar na primeira fila entre os ficcionistas cabo-verdianos”. (Sousa, *Contra Mar e Vento*, p.6). Acrescenta-se, à razão apresentada, a nossa admiração pela obra de Teixeira de Sousa e o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre o autor e sua obra, em pesquisar para poder propor actividades de exploração nas aulas de língua portuguesa.

Teixeira de Sousa é considerado “um dos expoentes da literatura caboverdiana, foi um escritor cioso dos valores da Cabo-verdianidade e das marcas matriciais do viver

cabo-verdiano, profundamente influenciado pelo Movimento *Claridoso* e pela geração dos nacionalistas na qual pontifica Amílcar Cabral, o autor teve uma trajetória marcada pela coerência cívica, patriótica e intelectual”. (Veiga, 2006, p.4).

Por sua vez, Fortes em declarações a Inforpress considerou que a grande homenagem que se pode fazer ao escritor, “é concitar os jovens a lerem a sua obra e fazer tudo para que a sua obra seja divulgada com a maior extensão possível”. O mesmo referiu-se a Teixeira de Sousa como um “homem muito *sui generis*, porque, como explicou, ele começa a tecer uma literatura na base de um estudo sociológico e com uma profunda noção filosófica sobre essa estrutura social”. (Fortes, 2006, p.2).

Segundo Semedo, o autor destaca-se mais precisamente no período da Caboverdianidade (1936-1975), sensivelmente na primeira fase denominada de “Regionalismo”. Afirmo o mesmo, que a fase do “Regionalismo” despontou em 1936 com o propósito de “fincar os pés na terra” das ilhas e concretiza-se na publicação da revista *Claridade*”. (Semedo, 2006, pp.186-187).

Para Manuel Lopes citado por Semedo “fincar os pés na terra caboverdiana”, “quer dizer, como uma sintonização e um debruçar ansioso e atento sobre os problemas vitais de Cabo Verde e sobre as condições de vida do seu povo”. (Lopes, 1959, *apud* Semedo, 2006, p.315).

Frisa, Semedo que o conceito de “Caboverdianidade” aplica-se aqui por semelhança aos de africanidade, angolanidade, e moçambicanidade, no contexto de África, Angola e Moçambique, respectivamente, porque o enunciado dos textos produzidos já reflecte o real cabo-verdiano e aquilo que o identifica, e ao mesmo tempo o distingue, sócio-culturalmente como povo”. (Semedo, op.cit., p.186).

Por seu turno, Sousa disse que “com o escol da *Claridade* nasceu uma literatura autêntica, com os pés fincados no chão das ilhas”. (Sousa, 1983, p.8). Para este autor, “agora, os temas que hoje são abordados são muito diferentes dos que nós outros, os claridosos, abordávamos e continuamos a abordar nós os sobreviventes dessa época”. Acrescentou-se, ainda, Sousa que “éramos mais regionalistas do que os actuais escritores, estes são mais universalistas, o que eu acho muito bem. A evolução necessária e compreensível porque os caboverdianos precisam, de facto, de não só sentir a necessidade de sair fisicamente da sua terra como também de evoluir espiritualmente”. (Entrevista concedida ao jornal *A Semana*, 1993, p.13).

Segundo Silveira, “Sousa é contudo aquele que procura manter uma linha coerente de estudo sério sobre aquela emigração, com realce para as suas incidências

técnicas, nosológicas, económicas e sociais propriamente. Aliás, quanto a nós, essa coerência está intimamente ligada à dissidência que representa a presença do mesmo adentro do grupo, pela matriz ideológica definida de que ele se nutre”. (Silveira, 1963, p.12).

Também, na perspectiva de Laranjeira, o autor aparece ligado no terceiro período, denominado de *claridoso* (1936 a 1957), com a sua obra *Dragão e Eu* (1945), no quinto período (1966 a 1982), denominado de Universalismo com as suas obras *Contra Mar e Vento* (1972), e *Ilhéu de Contenda* (1978). E por último, no sexto período de (1983) à actualidade, com as obras *Capitão de Mar e Terra* (1984), *Xaguate* (1987) e *Entre Duas Bandeiras* (1994). (Laranjeira, 1995, pp.180-185).

2 Pergunta de partida

- ✓ Como a língua é utilizada por Teixeira de Sousa para retratar os problemas no âmbito sócio-cultural da ilha do Fogo?

3 Hipóteses

- ✓ O escritor emprega crioulismos para exaltar a Caboverdianidade situada nas suas bases populares?
- ✓ Os contos de Henrique Teixeira de Sousa dão uma dimensão especial nessa época, dando a conhecer os padrões sociais e culturais da vida foguense?
- ✓ Qual a relação entre os aspectos sócio-culturais e a língua caboverdiana em Teixeira de Sousa?

É de realçar que as hipóteses tal como formuladas constituem, portanto, desenvolvimento da pergunta de partida.

4 Enunciação dos objectivos

4.1 Objectivos Gerais:

- ✓ Identificar as marcas linguísticas que permitem configurar a dimensão literária nos contos de Henrique Teixeira de Sousa;
- ✓ Explicar o significado dessas marcas linguísticas em Teixeira de Sousa;
- ✓ Propor uma abordagem didáctico-pedagógica da obra de Teixeira de Sousa, no âmbito do ensino de língua portuguesa no Ensino Secundário.

4.2 Objectivos Específicos

- ✓ Caracterizar diferentes situações linguísticas presentes nas obras estudadas, no âmbito sócio-cultural da ilha do Fogo;
- ✓ Identificar marcas da língua falada em Cabo Verde na obra de Teixeira de Sousa;
- ✓ Compreender a intenção do autor tendo em conta os recursos linguísticos utilizados;
- ✓ Esclarecer o interesse do autor em demonstrar esse convívio da língua caboverdiana com o português;
- ✓ Propor actividades para aplicação didácticas pedagógicas dos textos de Teixeira de Sousa.

5 Metodologia

No quadro dos métodos específicos do trabalho de investigação frisou primeiramente o recurso a fontes bibliográficas como suporte indispensável para complementar as informações práticas recolhidas nos diferentes contos.

Assim este trabalho de investigação baseou-se essencialmente:

- Em primeiro lugar fazer uma pesquisa bibliográfica relacionada com a temática que é objecto de pesquisa.
- Em segundo lugar, estabelecer um “corpus” linguístico que permita fazer o estudo do tema proposto, em seguida, fazer o tratamento de todas as informações consideradas importantes para a abordagem do tema.

- Numa outra fase, proceder à análise dos dados obtidos com o objectivo de comprovar ou não as hipóteses levantadas, relativamente à análise das obras em estudo.

6 Estruturação do texto

Para além desta breve caracterização onde se faz a contextualização do presente trabalho, explicitando as razões da escolha do tema e demais elementos, este trabalho de fim-de-curso compõe-se de cinco capítulos a saber:

No **capítulo I** – é onde se constrói e delineia-se o nosso objecto de estudo, projectando-o com vista a sua materialização.

No **capítulo II** – trata-se a vida de Henrique Teixeira de Sousa, bem como as influências recebidas pelo autor.

No **capítulo III** – que é essencialmente de fundamentação teórica e de conceptualizações, em que se aborda a didáctica, a didáctica geral e especial, os conceitos de língua, língua materna e língua segunda, o ensino da língua segunda em Cabo Verde e o que nos diz Teixeira de Sousa sobre a língua cabo-verdiana e a língua portuguesa.

No **capítulo IV** – faz-se o tratamento, a análise visando uma aplicação didáctica dos textos de Henrique Teixeira de Sousa no ensino secundário.

No **capítulo V** – indica-se as conclusões incluindo sugestões para a melhoria da prática didáctico-pedagógica no ensino secundário nos contos do autor.

Capítulo 2: Henrique Teixeira de Sousa: Vida e influências recebidas pelo autor

2.1 A vida

Teixeira de Sousa nasceu na localidade de São Lourenço, na ilha do Fogo, em 6 de Setembro 1919, a sua vivência nesta ilha veio a reflectir-se de forma decisiva na obra literária que produziu.

Em 1946 licenciou-se em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Medicina de Lisboa e logo no ano seguinte averbou ao seu currículo os cursos do Instituto de Medicina Tropical e de Medicina Sanitária da Universidade do Porto. Ingressou nos quadros de Saúde do “Ultramar,” tendo sido colocado em Timor. Em 1948 transferiu-se para Cabo Verde, onde permaneceu até 1954. Em 1955-1956 frequentou em Marselha o “II Curso de Formação de Médicos Nutricionistas para a África ao Sul do Sará”, com estágios no Hospital Bichat e no Instituto de Higiene de Paris. Foi nomeado médico-adjunto da Missão permanente de Estudo e Combate de Endemias de Cabo Verde e presidente da Comissão de Nutrição do Arquipélago.

Após a sua aposentadoria continuou a exercer a medicina no domínio da sua especialidade em Oeiras, Portugal. Ao longo dos anos, a intensa actividade profissional que desenvolveu não o impediu de se dedicar ao cultivo das letras. Tem colaboração literária dispersa por publicações várias em que se destacam: *Juventude*, *Claridade*, *Horizonte*, *Cabo Verde*, *Jornal do Médico* e *Notícias de Cabo Verde*. Cedo se distinguiu pela modalidade do conto, é autor de numerosos textos de natureza ensaísta sobre aspectos literários, sociológicos e filosóficos e ainda, de uma vultuosa bibliografia científica. A partir de 1972, iniciou a publicação de uma série de romances, sendo considerado um dos maiores ficcionistas caboverdianos. Do seu romance *Ilhéu de Contenda* foi realizado um filme com o mesmo título. Figura em várias antologias caboverdianas e portuguesas.

2.1.2 Influências recebidas pelo autor

Num artigo publicado em 1963, o autor disse que: “devo, pois, a minha iniciação em actividades culturais aos corifeus do movimento *claridoso*, especialmente a Baltasar Lopes, meu mestre de português e latim no Liceu Gil Eanes”. (Sousa, *A cultura caboverdiana tem a sua expressão própria...* p.14).

Ainda, o professor despertou nele o gosto pela leitura de obras literárias, principalmente de autores brasileiros da época, como José Lins do Rego, Mário de Andrade, Jorge Amado, Amândio Fontes, Graciliano Ramos e ainda os norte-americanos Steinbeck, Dos Passos, Hemingway e outros.

Além disso, Henrique Teixeira de Sousa era um leitor assíduo da *Claridade*, não só por curiosidade intelectual, mas também pela ânsia de descobrir a identidade cultural cabo-verdiana. Outra influência que o autor teve foi do Neo-realismo Português, tendo como substrato ideológico o marxismo. Essa influência levou-o a escrever contos e romances de cariz sociológico, tais como: os contos da colectânea *Contra Mar e Vento* (1972), o romance *Ilhéu de Contenda* (1978), o romance *Xaguate* (1987) e as demais obras. (cf Laban, p.167).

Capítulo 3: Fundamentação Teórica

3.1 Didáctica

Apresenta-se neste capítulo os conceitos de didáctica, didáctica geral e didáctica especial segundo alguns linguistas. Acerca da didáctica, pode-se dizer que ela é extremamente importante no âmbito do ensino-aprendizagem. Para que o ensino corra da melhor forma, o docente deve executar uma grande variedade de técnicas e recursos de ensino, que pode ser utilizada na exploração de textos no ensino secundário, no sentido de ajustar-se ao nível de desenvolvimento do aluno para adaptá-lo às expectativas e necessidades educacionais. Porém, é de salientar que o professor deve pensar no seu trabalho na sala de aula, no meio em que o aluno vive, buscando a sua cultura e a sua realidade, na maneira de se relacionar consigo mesmo, com os alunos, com o conhecimento, com os colegas, com a organização escolar e com a sociedade.

A didáctica, de acordo com Oliveira, Botelho, Lamas “é considerada como a articulação de vários saberes, visando criar condições favoráveis à aprendizagem de determinada matéria; é constituída por um conjunto de técnicas que preestabelecem, ao ensino, princípios e métodos que se destinam a criar condições favoráveis para que o aluno possa mais eficazmente tirar partido do ensino-aprendizagem a que é sujeito”. Acrescentam-se, ainda, “o que está na mira da didáctica não é o que se ensina, mas sim o como, isto é, as formas, os modos, os meios encontrados e a sua interacção para viabilizar o ensino das matérias em causa”. Por outro lado, “a didáctica é, efectivamente, uma arte que recorre ao diálogo, visando o entendimento, a compreensão mútua, a inserção numa comunidade, no mundo”. Segundo estas autoras, “a didáctica torna-se necessária na medida em que só através dela o ensino resulta mais eficiente, servindo, desse modo e ao mesmo tempo, aluno e sociedade – as duas realidades que nela e por ela se confrontam. A didáctica é no conceito lato da educação, o espaço do encontro presente/futuro, ou seja, a preparação das gerações novas para a sua inserção na comunidade”. (Oliveira, Botelho, Lamas et alii., 2000, pp.126-128).

No que concerne à didáctica, “a renovação constante de saberes não permite ao professor ficar estático; forçosamente tem de envolver-se, porque lhe compete actualizar os seus conhecimentos e situar-se conscientemente no seu tempo; Para além do mais, cabe-lhe articular esses conhecimentos entre si e adequá-los à prática pedagógica, tendo sempre presente o destinatário e o fim que se pretende alcançar”. “Ao professor cabe procurar integrar-se nas problemáticas em que a juventude está envolvida, os gostos dos jovens devem estar implicados nas matérias que eles vão abordar na sala. Assim, a situação didáctica delinea-se pelo traçar de linhas que unem os vértices de um triângulo ocupados, respectivamente, pelo saber, pelo professor e pelo aluno”. A didáctica *latu sensu* toma o seu destinatário – o aluno – na globalidade. Por isso, preocupa-se em criar condições propícias a uma aprendizagem coerente; ela pretende implicar o aluno, pela afectividade, nas matérias seleccionadas e convenientemente articuladas entre si de forma a permitirem a construção de um saber uniforme que responda às necessidades do aluno”. (idem, pp.126-128).

Nesta mesma linha de ideias, afirmam Gomes, Cavacas, Leitão que “a didáctica é uma ciência que procura orientar o ensino em geral e criar nos alunos hábitos de trabalho intelectual e aperfeiçoar-lhes o espírito, para o que se baseia num método em geral, em métodos específicos da disciplina e em métodos especiais (trabalho de grupo, projectos, etc.), bem como no emprego de material didáctico adequado”. (Gomes, Cavacas, Leitão et alii., 1991, pp.145-146).

3.2 Didáctica Geral/ Didáctica Especial

Para uma melhor compreensão didáctica, pode-se estudar a didáctica geral e a didáctica especial. A partir destas duas afirmações, delimita-se o campo de acção da didáctica: serve para, por um lado, apetrechar o docente de saberes e práticas para as actividades do ensino (carácter geral); mais especificamente, esse conjunto de exercícios práticos será aplicável a determinadas disciplinas.

No caso da Didáctica da Língua Portuguesa, os conhecimentos a aplicar para uma optimização do ensino estarão relacionados, como a expressão o indica, com a área disciplinar da Língua Portuguesa. Assim, no caso da didáctica da língua vai procurar abordar o processo de ensino aprendizagem da língua materna (L1) e língua segunda

(L2). Pode-se dizer que a didáctica das línguas é um processo dinâmico, o seu âmbito de estudo é o ensino-aprendizagem, porque é através do mesmo que se conhece a língua.

Para Guislan, “a didáctica geral é um conjunto de exercícios práticos que visa a aquisição de saberes (*savoir-faire*) e maneiras de ser pedagógicas que se aplicam e podem ser aplicadas ao conjunto das actividades educativas e/ou de ensino”. O mesmo explica que na didáctica especial a definição contempla “o conjunto dos exercícios práticos de saberes, (*savoir-faire*) pedagógicos específicos de alguns ramos, das categorias especiais de alunos ou das formações particulares”. (Guislan, 1994, p.11).

3.3 Língua

Antes de especificar as diferentes opiniões de alguns linguistas, relativamente à língua, neste ponto vão ser abordados os conceitos de língua, “língua materna” e “língua segunda”. A língua factor importante na identificação de grupos, pode ser uma entidade social, instituição social com regras e muito dinâmica.

A língua é crucial e pertinente no desenvolvimento deste trabalho de fim-de-curso, é instrumento indispensável não só do sucesso escolar, mas também da integração social. O ensino e a aprendizagem da língua portuguesa no ensino básico e secundário poderá e deverá fazer-se por intermédio da inclusão da língua materna, particularmente no que se refere ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

De acordo com Cunha e Cintra, “a língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma colectividade, a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ela age. A utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário tem de viver em perpétua evolução paralela à do organismo social que o criou”. (Cunha e Cintra, 1999, p.377).

Segundo Teyssier, “a língua como fenómeno social é o suporte da comunicação linguística, permitindo ao sujeito falante (emissor) transmitir informações, explorar ideias, exteriorizar sentimentos, integrar-se em suma no meio ambiente”. (Teyssier, n/d, p.93).

Na perspectiva de Saussure, “é todo o sistema específico de signos articulados, que servem para transmitir mensagens humanas. A língua é de natureza social; é

partilhada por uma comunidade que admite as suas convenções mas que, pouco a pouco, as modifica”. (Saussure, 1999, p.442). “A língua é um conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a um sujeito compreender e fazer-se compreender”. (Saussure, 1971, p.138).

3.4 Língua Materna

Relativamente à “língua materna,” frisa Crystal que “é a língua nativa do sujeito que a foi adquirindo naturalmente ao longo da infância e sobre a qual ele possui intuições linguísticas quanto à forma e uso”. (Crystal, 1985, *apud* Xavier e Mateus, 1990, p.231).

“Diassistema de subsistemas (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) e variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas). Este complexo de unidades estabelece entre elas relações sintagmáticas e paradigmáticas”. A “língua materna” ou primeira pode ser a língua da mãe transmitida à criança ou pode ser a língua de pessoa ou pessoas que convivem com a criança a partir do seu nascimento”. É através da “língua materna” que “o ser humano estabelece relações com o mundo que o envolve; trata-se de uma relação mediatizada pela língua. Em primeiro lugar, e na maior parte dos casos exclusivamente, essa mediatização é feita através da “língua materna” e, por isso, cada língua natural permite uma configuração própria e exclusiva do mundo aos seus falantes”. (Oliveira et alii., 2000, p.278).

De acordo com Gomes, “língua materna” é uma língua que foi aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde pouca idade, e que é utilizada no País de origem do falante”. (Gomes et alii., *op.cit.*, p.172).

3.5 Língua Segunda

Segundo Stern, o termo “língua segunda” deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro das fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida”. (Stern, 1983, p.16).

Afirma, Chomsky que “não foi por escolha nossa que adquirimos o idioma que falamos: ele simplesmente se desenvolveu em nossa mente em virtude de nossa

constituição interior e do meio ambiente em que vivemos. [...] Para cada um de nós, a língua desenvolve-se em consequência da nossa constituição actual, quando somos colocados no meio ambiente apropriado”. Para o linguista, “saber a língua é encontrar-se num determinado estado mental composto de uma estrutura de regras e princípios”. (Chomsky, 1981, pp.18-9,46).

Segundo Galisson, “a língua segunda” e a “língua estrangeira” definem-se ambas como não-maternas (são instrumentos de comunicação secundárias ou auxiliares), mas distinguem-se uma da outra pelo facto de a “língua segunda” beneficiar oficialmente de um estatuto privilegiado. Enquanto “a língua estrangeira” é aprendida por indivíduos, “a língua segunda” é ensinada como língua veicular a toda uma comunidade em que a (ou as) língua (s) materna (s) é (ou são) praticamente desconhecida (s) fora das fronteiras do País. Acrescenta-se, que dada a aprendizagem da “língua materna” e das não-maternas definirem modos de ensino diferentes, muito cedo se estabeleceu uma oposição entre elas “língua materna, língua segunda e língua estrangeira” de acordo com a função exercida por cada uma dentro do mesmo espaço linguístico. (Galisson, 1983, p.443).

Para Gomes, a “língua segunda” “é uma língua não-materna que beneficia oficialmente de um estatuto privilegiado em virtude de ser língua veicular numa comunidade”. (Gomes et alii, op.cit., p.172).

3.5.1 Ensino da língua segunda em Cabo Verde

Cabo Verde é um País onde se verifica o fenómeno da coexistência de duas línguas: a caboverdiana, língua materna e nacional e a portuguesa, língua oficial. Só esta última é ministrada nas escolas, pois, a língua caboverdiana até então não passou pelo processo de codificação e normalização. Até à independência, ocorrida a 5 de Julho de 1975, o ensino da língua portuguesa, em Cabo Verde foi sempre ministrada como que de uma língua materna tratasse, tendo este processo ainda continuado até à presente data. Embora este ensino tenha sofrido, não oficialmente algumas alterações está actualmente, a enveredar por um sistema de ensino cujo processo é o ministrado para o das línguas estrangeiras o que também não é adequado. Trata-se de um instrumento de comunicação com estatuto definido tanto *per si* quanto pela legislação que *Estabelece as Bases do Sistema Educativo*, Lei nº- 103/ III/ 90.

No contexto caboverdiano, convivência de ambas as línguas (caboverdiana e portuguesa) constitui-se como um dos factores que dificultam o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, por se tratar de uma língua segunda, cujo primeiro contacto com o sujeito falante, muitas vezes, só se efectua num estabelecimento de ensino. O ensino da “língua segunda” enfrenta, ainda, dificuldades maiores, por se tratar de um ensino cujo aprendente já possui, em muitos casos, conhecimentos não conscientes da sua “língua materna”. É, assim, uma segunda aprendizagem de uma língua, ou seja, sendo uma segunda língua todas as regras e processos que são diferentes da “língua materna” são aprendidas num estabelecimento de ensino.

Na aprendizagem da “língua segunda”, conforme frisou Jacques Legrand, “trata-se de abolir os obstáculos constituídos pelos automatismos de inibição advenientes da aquisição da língua materna, sobretudo a nível fonológico”. (Legrand, *apud* Germain Claude, 1983, pp. 27-30).

Relativamente à aprendizagem de uma “língua segunda”, Veiga diz, que “para os que defendem o desenvolvimento apenas da língua segunda, nas circunstâncias, o português, diremos que é sobretudo pelo crioulo que Cabo Verde marca a sua diferença no mundo, já que é particularmente nesta língua que a sua identidade é e se encontra moldada”. Para Veiga, “negar o crioulo não só significa negar a nossa identidade como também dificultar a pedagogia do português. E isto, porque a língua primeira constitui a melhor referência na aprendizagem de uma língua segunda”. (Veiga, 2004, p.12).

“Todos aprendem a língua estrangeira tendo por instrumento a língua materna. Saibam também os professores de instrução primária servir-se do crioulo como veículo para mais rápido e profícuo ensino das matérias do programa a cumprir, principalmente do português”. (Declarações públicas em defesa do crioulo caboverdiano, 1933, *apud* Sanches, 2005, p.31).

Nesta mesma linha de ideias, argumento, aliás, de que partilho contribuiria para uma aprendizagem significativa se recorressemos à língua caboverdiana em algumas situações na sala de aula para explicar aos alunos determinadas matérias, para que os mesmos possam compreendê-las.

Acrescentou-se, Teixeira de Sousa que “nas aulas do Dr. Baltasar Lopes da Silva, o crioulo era usado e servia muitas vezes de apoio para suas explicações filológicas, (...) o professor utilizava também o crioulo para ensinar a origem e evolução morfológica e até semântica, do português, a partir do latim”. Para o mesmo, “quando preconiza a aprendizagem do português, o mais esforçadamente possível, não está a condenar o uso

e o refinamento do crioulo, aliás nossa língua materna”. (Entrevista concedida a Michel Laban *Cabo Verde. Encontro com Escritores*, 1992, pp. 210-211).

3.5.2 Opinião de Teixeira de Sousa relativamente à língua caboverdiana e à língua portuguesa.

Segundo Sousa, chama-se crioulo ao dialecto falado por todos os caboverdianos, seja qual for o grau da sua pigmentação ou condição social. Dialecto que há séculos vem sendo instrumento de comunicação entre todos, negros, brancos e mestiços, no trabalho, no convívio, no batuque, na morna, na coladeira, na literatura oral e até na literatura escrita. Pôs-se, ainda, no que diz respeito ao dialecto crioulo, a questão da emigração, considerando-a indispensável para a compreensão de Cabo Verde e da população, em tudo que esta possa oferecer de vitalidade como povo historicamente diferenciado no sentido da sua emancipação psicó-social, já que materialmente nunca o conseguiu. (Sousa, 1958a, p.3).

Para este autor, sendo a língua o valor cultural mais caro de qualquer agregado familiar, ela assinala, pois, um padrão de convivência muito positivo alcançado em Cabo Verde entre as raças e as posições postas em confronto. A língua portuguesa, todavia, subsistiria como veículo de promoção e de facilidade de audiência para além do restrito quadro geográfico do arquipélago.

Acrescentou-se, Sousa que “o crioulo, morfologicamente é o português de 500, cuja gramática se simplificou em contacto com a língua dos afro-negros trazidos para o povoamento da colónia. E que a sua difusão por todas as camadas das populações das ilhas, explica-se pelo fenómeno de transculturação, a que o factor económico não foi alheio”. Salientou-se que o mesmo, “nascera nas ilhas, e há variedades (e que as mesmas são acentuadas, sobretudo entre as ilhas dos grupos de Barlavento e Sotavento) e sub-variedades (denominado de crioulo puro ou crioulo de rocha, da ilha a que pertencesse o escrevente) em Cabo Verde”. (idem).

Por seu turno, Sousa disse, que “se o crioulo for decretado língua oficial, será apenas um acto de doutoramento *honoris causa* porque o português continuará *ad aeternum* a usar os seus galões de oficial embora desprovido por decreto lei”. (*In Jornal Terra Nova*, 2005, p.3).

Teixeira de Sousa cita, nesta linha, uma afirmação de Baltasar Lopes da Silva que “o uso oral do português data do século V ou VI, e no entanto foi preciso esperar até ao século VIII para se encontrar umas palavras do latim bárbaro em que se vê o português disfarçado. Agora, o português propriamente dito, só no século XIII”. (Entrevista concedida a Fernando de Assis Pacheco ao *O Jornal Lisboa* e publicada em Maio de 1988).

Segundo Sousa “o crioulo além de ter imensos léxicos arcaicos do português dos séculos XV, XVI, XVII, conserva também uma fonética em grande parte, igual à daquelas épocas, sobretudo nas ilhas de povoamento mas antigo. Se lermos as cantigas de escárnio e de maldizer, ou mesmo as de amigo e ainda textos menos antigos como por exemplo, os autos de Gil Vicente, lá encontraremos léxicos e fonemas que ainda se mantêm no crioulo de Cabo Verde”. Para o escritor, “a “curcutiçã” e as cantigas de escárnio ou de mal-dizer dos primórdios da literatura portuguesa, ambas têm uma similitude espantosa que até me levou ingenuamente a concluir que “curcutiçã” teria origem na literatura galaico-portuguesa, (...) ao lado da “curcutiçã”, também dava a conhecer as cantigas de amigo”. (Entrevista concedida a Michel Laban, *Cabo Verde. Encontro com Escritores*, 1992, pp. 166, 211).

Baltasar Lopes da Silva, filólogo cabo-verdiano, que muito se tem dedicado aos assuntos linguísticos e estudado o dialecto da sua terra, tem uma posição que não diverge muito da de Teixeira de Sousa, disse ele: “basta observar que o crioulo possui uma orgânica gramatical, assente no português, perfeitamente estruturada, um léxico de insuspeitada riqueza, e dispõe de notável capacidade de enriquecimento, ou por via do empréstimo, como fazem todas as línguas vivas, ou por processos semânticos de enriquecimento interior, que nas ilhas se revelam de singular fecundidade”.

(“ Prefácio”, in *A Aventura Crioula* de Manuel Ferreira, 1967, p. XV).

Para Teixeira de Sousa, “o português de Portugal é nada mais, nada menos do que aquilo que para os romanos terá significado o *sermo eruditus* (utilizado pelos escritores e altas dignidades) face ao *sermo vulgaris* (utilizado pelo povo em geral) ”. “O português é a nossa língua matriz. O crioulo não é seu filho adoptivo, sim, seu rebento biológico e cultural, guardião fiel de muitos arcaísmos lusos, apenas conhecidos pelos especialistas em Portugal”. (Sousa, *A Semana*, 1993, p.13).

Capítulo 4: Aplicação didáctica nos contos de Teixeira de Sousa no ensino secundário

4.0 Breve historial do conto

Para Moisés pelo que se pode saber, é desconhecida a origem do conto. Alguns estudiosos fazem recuar o aparecimento do conto para uma era histórica alguns milhares de anos antes do nascimento de Cristo. Apontam o conflito de Caim e Abel como um exemplar de conto. Na *Bíblia*, ainda consideram contos os episódios de Salomé, Rute, Judite, Susana, a história do filho pródigo, a ressurreição de Lázaro, o episódio do Rabi-Akiva, a história da mãe Judia. No antigo Egipto, a história de *Os Dois Irmãos*, *Setna* e o *Livro Mágico*, ambas de autor desconhecido, do século 14 A.C., seriam verdadeiramente contos. Consideram-se, ainda, legítimos contos as aventuras de Eumaneus, intercaladas na *Odisseia*, e os amores de Orfeu e Eurídice, nas *Metamorfoses*, de Ovídio.

Porém, este estudioso frisa que é do Oriente, da Pérsia e da Arábia que vêm os exemplares mais típicos de contos, (...) assim, as aventuras das *Mil e Uma Noites*, *Aladim* e a *Lâmpada Maravilhosa*, *Simbad*, o *Marujo*, *Ali-Babá* e os *Quarenta Ladrões*, etc., correspondem ainda hoje ao melhor que se criou em matéria de conto. Durante a Alta Idade Média (séculos XII-XIV), o conto conhece uma época áurea, graças à personificação das gestas cavaleirescas.

Nos séculos XVI e XVII, graças ao influxo de Boccaccio, o conto é largamente cultivado, sobretudo na Itália. Tal estado de coisas continua pelo século XVIII a fora. No século XIX, o conto conhece sua época de maior esplendor. Além de se tornar forma "nobre", ao lado das demais até então consideradas, sobretudo as poéticas, passa a ser larga e seriamente cultivada. Em fins do século XIX, o conto atinge em nossos dias seu apogeu como forma literária "erudita" ou literária. (Moisés, 1997, pp.15-18).

Segundo Moisés "o conto trata-se de uma narrativa unívoca, univalente. Constitui uma unidade dramática, uma "célula dramática". Portanto, gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só acção, o conto monta-se, portanto, à volta de uma só ideia ou imagem da vida, desprezando os acessórios e, via de regra, considerando as personagens como instrumentos da acção". (idem, pp.20,25).

Nesta mesma linha de ideias, Shaw diz que: i) o conto significava qualquer história ou narração breve, especialmente aquelas que tratassem de acontecimentos lendários, extraordinários e fortemente imaginativos; ii) o conto é uma narração relativamente curta, destinada a produzir um único efeito dominante e na qual se contém elementos dramáticos; iii) a acção dum conto concentra-se numa só personagem, numa só situação e num só momento; iv) um bom conto deve conter uma personagem (ou um grupo de personagens), apresentada num certo ambiente e envolvida, física ou espiritualmente, numa situação de conflito. O conflito dramático, a colisão de forças opostas constitui a essência de todos os contos. (Shaw, 1982, p.120).

Na perspectiva de Reis e Cristina, “o conto tende à concentração dos eventos: sendo normalmente linear, sem consentir a inserção das intrigas secundárias que o romance admite”. (Reis e Cristina, 1992, p.77).

4.1 Análise dos diferentes contos de Teixeira de Sousa

4.1.1 Síntese do conto *Menos Um*

O conto *Menos Um* de Teixeira de Sousa integra-se na colectânea de contos intitulada *Contra Mar e Vento*. A história gira em torno de um menino chamado Eduardo que gostava de estar ao pé do avô ouvindo contar casos do mar, da chuva, entre outras. *O meu avô contava casos do mar... Quando ele contava as coisas mais bonitas deste mundo é que paravam de estar calados para perguntar quando chovia.* (p.13).

O Eduardo para além de estar com o avô tinha outros afazeres de que não gostava muito: (...) *só sabia era estar ao pé da conversa da gente grande e a respeito de trabalhar, nada. Eduardo, já foste mudar a cabra? A cabra, assim que me via, punha-se a berrar. Metia-me raiva aquele bicho. Puxava-a pela corda aos esticões.* (p.14)

a) Personagem

É à volta desta personagem (Eduardo) que a história se desenrola. O Eduardo apresenta-se como personagem principal. O conto é comandado por um narrador em primeira pessoa, ou seja, é um narrador homodiegético que, na perspectiva de Reis e Cristina, “é a entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética. Isto quer dizer que, tendo vivido a história como personagem, o narrador retirou daí as informações de que carece para construir o seu relato”. (Reis e Cristina, 1992, pp. 257-258). *Uma noite sonhei que tinha chovido e eu estava sobre um monte a atirar pedradas aos corvos com a funda. – Eduardo, ó Eduardo! – a minha mãe acordou-me. Levantei para ir tratar da cabra.* (p.14)

Relativamente às personagens, elas são “seres de papel”, como disse Roland Barthes, que só têm existência real dentro de um determinado universo imaginário, ficcional. “Vivem dramas e situações dentro da narrativa, à imagem e semelhança dos seres humanos, representações, ilusões, sugestões...”. (Barthes, *apud* Massaud Moisés, 1978, p.138).

Para Reis, “personagem é a categoria fundamental da narrativa, a mesma evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção socio-cultural e de variados

suportes narrativos”, “é o eixo em torno do qual gira a acção e em função do qual se organiza a economia do relato”. (Reis, 1995, p.360).

Em *Menos Um* para além do protagonista temos outras personagens, nomeadamente: a mãe, o Jack irmão, o avô nhô Morgado atribuindo-lhes o estatuto de personagens secundárias e o Mateus Dereda. Este último aparece com uma determinada função, vai ser quem traz informação e é mencionado no conto apenas uma noite. *Estávamos já a fechar a porta quando ouvimos uma voz no quintal. “Eh nhô Morgado.” Era Mateus Dereda. (...) – Eu quero jazigo esta noite, Nhô Morgado. (...) Nhô Morgado, o povo está desanimado, o mundo está feito. Se não chove não sei o que será feito de nós todos. Quando os galos cantaram a primeira vez, Mateus Dereda acordou e foi-se embora.* (pp.16-17)

No que concerne à personagem *Mateus Dereda*, verifica-se que para as pessoas mais idosas da ilha do Fogo que já se sentiram “na pele” alguns anos de crise por falta da chuva, esta é uma expressão que tem o significado de fome. Quando alguém não tem nada de comer em casa, diz-se que Mateus Dereda já entrou em casa.

b) Espaço

Segundo Reis e Cristina “o espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as restantes categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam”. “O espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem do cenário ao desenrolar da acção e a movimentação das personagens”. (Reis e Cristina, 1992, p.129).

No que diz respeito ao espaço ficcional, as referências Cova-Tina e Capela de Nossa Senhora do Socorro situam-se ao Sul da ilha do Fogo, a primeira no alto da serra e a segunda na localidade de Luzia Nunes. Como é habitual todos os anos a cinco de Agosto comemora-se na capela de Nossa Senhora do Socorro o dia da referida Santa. É de frisar que esse espaço ficcional representa um espaço real, geográfico. *Esta madrugada vi a estrela de Alva sair mesmo do fundo da Cova-Tina.* (p.13) *Ó Nossa Senhora do Socorro, mande chuva. Era o dia 5 de Agosto. A minha mãe embrulhou duas velas no xaile e partiu com Jack, meu irmão mais velho, para a capela de Nossa Senhora do Socorro.* (p.15)

Também num plano mais restrito, o espaço da narrativa centra-se em cenários mais reduzidos: a casa, por exemplo. (idem, p.130) *A minha mãe estava na cozinha e arranjava-me um gole de café para tomar antes de partir.* (p.17) Na rua: *Por trás da casa estava-se melhor. Não havia tanto calor. Àquela hora, depois do meio-dia, havia sempre um bocado de sombra.* (p.13) *À hora em que a gente se sentava atrás da casa, falaram muito da minha viagem,...* (p.16).

c) Características temáticas

Pode-se dizer que *Menos Um* de Teixeira de Sousa aparece-nos com um leque de temas, tais como: As secas cíclicas, a falta de chuva, a fome, a miséria e também evidencia um dos aspectos mais significativos da sócio-cultura cabo-verdiana, a emigração. Neste caso, temos a migração para as outras ilhas, mais concretamente para ilha Brava.

A seca: *O céu andava escancarado. O mundo, seco como a lenha. Nem um borrito para apagar a poeira do chão.* (p.13) *Mastigava monduro seco.* (p.17)

A falta de chuva: (...) *só a pensar na tristeza da nossa terra dois anos sem chover...* (p.15) *Não, a chuva há-de vir.* (p.13) *Os campos tinham uma tristeza tão grande que naquela manhã desejei que chovesse.* (p.14)

A fome: *Os animais, destripados.* (p.13) *A cabra andava com a barriga pregada às costas.* (p.14) – *Nhô Morgado, o povo está desanimado, o mundo está feito. Se não chove, não sei o que será feito de nós todos. – Deus não dorme. Não há-de deixar morrer os seus filhos de fome.* (p.15) Havia tanta fome que as pessoas comiam jinguilani. Este era uma planta que habitualmente só os animais comiam. Com a fome as pessoas torravam-na e pilavam-na até transformar em farinha da qual faziam uma papa. Segundo a personagem principal Eduardo, (...) *Deus estava dormindo mesmo. Só o meu avô não desanimava. Falaram um bocado. Que no Sul o povo já andava a comer jinguilani. Bem fizeram os meus tios que partiram para o Norte* (p.17)

A miséria: *Não me quiseram levar. Já sabia de véspera que não ia. O meu casaco não podia levar mais arremendos.* O autor em vez de utilizar “txapa” prefere usar “arremendos”, o que quer indicar que ele tem como destinatário um leitor que não reconhece o vocábulo “txapa” mas sim “arremendo”, (observação no anexo 3). Às vezes

enganava-me e enfiava o braço por um buraco qualquer. (p.15) (...) a vizinhança vinha catar piolhos,... (p.13)

A migração para as outras ilhas: Aqui na Brava de Cova – Rodela.../ Cumadre Mariana pensei que cumadre podia deixar Eduardo vir para nossa companhia... (p.15) Olhei para trás. Minha mãe e o meu avô, lá estavam no alto da nossa casa. Ela acenava-se com um lençinho branco. Eu tinha os olhos tão cheios de água que tropecei numa pedra. O rebocador apitou. (p.18)

4.1.2 Síntese do conto *A Família de Aniceto Brasão*

Como o título indica, no centro do conto está uma família e ele Aniceto Brasão, representa a velha classe outrora poderosa que está em transição devido às transformações sociais. “A grande árvore que se expande, imagem com a qual se inicia este conto, parece representar a velha classe, restituindo, juntamente com outros elementos, uma imagem de bem-estar, de vida de tradições consolidadas, de dia-a-dia arrumado no tempo”. (...) *da sala de jantar, onde pelas paredes ondulavam os bigodes dos antepassados. (p.22, apud Turano, 2000, p.226).*

Com o enfraquecimento do poderio económico e prestígio social da classe branca, também a família Brasão está incapaz de assegurar a posse da casa da vila, amortizando “os juros que havia amontoado duma maneira doida”. (p.26) Além disso, havia o risco de perder a propriedade onde viviam. Ele é o dono e administrador de uma propriedade, geograficamente ampla, onde está situada a casa grande onde vive com as quatro filhas. É também possuidor de uma casa na vila. *E a casa da vila, não sei. (p.26)*

Conforme disse Teixeira de Sousa, “quem ainda por 1910 visitasse a ilha, nela encontraria na sua Vila principal (S.Filipe), um aglomerado de muitas casas residenciais, (...) nesses sobrados moravam as famílias brancas, descendentes dos antigos povoadores europeus. (...) no campo havia mais ou menos a mesma estratificação económico-social com as casas grandes dos proprietários brancos, as pequenas onde examinávamos o conflito social da ilha do Fogo”. (*Sobrados, Lojas e Funcos. Contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo*, 1958, pp. 3-4).

Na altura quem possuía bens (na vila e no interior) eram os brancos e estes eram considerados ricos e eram destacados socialmente. Mas, correndo o risco de perder a

propriedade e, com isso, a sua posição na classe social de proprietários, a pessoa sente-se diminuída.

Para o autor, no Fogo, “todavia a recepção de mulatos e mestiços no seio da família branca é difícil e mesmo rara”. (*A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940*, p.42). E Firmino simboliza a classe dos mulatos em ascensão, o ódio que o velho Aniceto lhe demonstra é deste modo extensivo a toda a sua classe. *Negro atrevido! Filho de escravos!.../ Firmino? Não é ninguém neste mundo. (...)/ Maldita raça.* (pp. 29-30)

Além dessa caracterização geral que o situa na classe a que pertence, Aniceto é viúvo e pouco sociável: *Desde que enviuvara nunca mais pusera os pés na vila./ (...) e levantando-se às mesmas horas.* (p.21) Por fim, outro traço importante na definição e compreensão do *status* económico social na simbologia deste velho é o apego aos seus bens materiais. – *Nem o negro Firmino, nem ninguém me arruina. Isto cá – batendo com o pé no soalho – é meu até eu morrer ouvirem?* (p.29)

a) Personagem

O agregado familiar de Aniceto Brasão era constituído pelo pai Aniceto Brasão, pela Esmeralda (a filha mais nova), pela Ana, pela Litícia, pela Sofia, (a filha mais velha), pelo caseiro e pela criada. Conforme o título e o início da narração aponta o velho Aniceto como personagem principal e secundariza as filhas. Em torno dele gravitam as vidas sem histórias das suas filhas, personagens secundarizadas pela força do dinamismo actuante do pai que conduz, orienta e decide os seus destinos. *As quatro filhas de Aniceto Brasão, viviam aí com o pai.* (p.21) *A Ana sentava-se ao lado a abanar as moscas.* (ib) *A Sofia lia romances. A Litícia estava entregue a conservação da sala de jantar,...* (...) *A Esmeralda levantava-se mais tarde.* (p.22)

A Esmeralda, dentre as quatro irmãs, é que tem maior destaque na história. Torna-se personagem com vida própria, com direito a retrato físico e psicológico mais pormenorizado do que o das outras irmãs. *Só a Esmeralda se mexia pela casa, pelo quintal, pela cisterna (...)* *Os cabelos caíam-lhe em cacho sobre os olhos.* (p.23)

Dentro das normas educação tradicional, ela parece pertencer a uma geração já com uma mentalidade um tanto ou quanto única e inconformista com o *modus vivendi* da família. Aliás é a única que “violando” determinados preceitos sociais, como o de se tornar mãe solteira, enquanto tem ainda o pai vivo. *A Esmeralda teve o primeiro filho, o segundo, e, na manhã em que o velho deixou para sempre de cantar, ela paria o terceiro bebé,...* (p.31). Para além disso, era muito afeiçãoada ao pai, sendo a única das irmãs a dispensar-lhe atenção nos momentos críticos da sua vida. *A Esmeralda entrou sorrateiramente na sala de jantar. O pai não podia continuar assim aos berros. Se lhe desse qualquer coisa de repente, longe do médico, era uma desgraça. A Esmeralda saía para ir acalmar o pai, sempre que o ouvia aos urros com o caseiro.* (pp.29-30)

b) Espaço

O espaço no conto em análise não é identificado, o narrador dá-nos a conhecer que todo o enredo se desenrola no interior da ilha. *As quatro filhas de Aniceto Brasão viviam aí com o pai. Desde que enviuvara, nunca mais pusera os pés na vila.* (p.21) *Imaginava motivos para dar uma saltada até à vila. E se arranjasse uma dor de estômago?* (p.22)

A casa onde viviam, conforme verifica-se, é um espaço físico bem determinado e muito grande. Vejamos, pois, os cenários interiores, decorações e objectos que compõem a casa:

- A acácia do quintal era uma árvore enorme. O tronco tinha quase a largura dum poilão, os ramos e as folhas espalhavam-se lá por cima cerrados.../ e ensombrava todo o quintal; (p.21)

- A casa dobrava-se em ângulo pelo lado sul. Ao fundo era a despensa e a cozinha, e da banda do norte corria um muro de dois metros de alto, com cascos de vidro e vestígios do antigo reboco; (ib)

- A parte exterior da casa constituía-se pela propriedade e redondezas da casa, pela capela, cisterna, sombra da acácia e pelos canteiros.

c) Características temáticas

Para além do tema da decadência de uma família, constata-se a loucura como tema no conto.

O Aniceto incapacitado de compreender e de tentar resolver a situação, enlouquece. *O velho não dormiu a noite inteira. Conversou largamente com a defunta sua mulher..../ O velho erguia a mão e apontava com o indicador direito para a copa da acácia que se derramava por cima do telhado. – O teu lugar é ali. Já para a casa. /(...) Não, o canto vinha de Nhô Niceto. Andava pela certa de juízo avariado.* (pp. 30-31)

4.1.3 Síntese do conto *Dragão e Eu*

É um dos mais velhos contos de Henrique Teixeira de Sousa, publicado em 1945. Narra a infância e adolescência, junta com o cão (Dragão). Entre os dois a ligação baseia-se na amizade e no companheirismo. *Eu e o Dragão fomos companheiros inseparáveis nas jornadas para o interior. Para mim, não era apenas um animal de estimação, era um amigo mais velho que admirava,...* (pp.49,53)

a) Personagem

Em *Dragão e Eu*, todo o enredo gira à volta de um menino, que a pouco e pouco foi crescendo até que um dia, com a vontade do pai parou de estudar para cuidar dos negócios da família. *Era ainda menino, mas chegara a idade de já poder ter um cão. (...) O meu havia de chamar Dragão... (p.43) Fomos crescendo os dois, mas ele mais do que eu. (...) A escola! tudo se fora. Queria estudar mais. (...) Mas meu pai não concordou. (...) Já tinha idade de começar a trabalhar a sério. Que lhe fazia muita falta na loja, pois precisava dum ajudante de confiança. (p.47) Começou a trabalhar na loja do pai, mas infelizmente, dois anos depois, o negócio não ia muito bem. (...) Entrei para a loja como ajudante. Com quinze anos, já podia tomar conta do negócio e assim meu pai ficava assim com o tempo livre para tratar da propriedade do Norte. A propriedade do Norte passou a dar lucros, mas, por outro lado, o negócio ia mal.* (ib)

Ele teve que cortar relações com o pai, tentando a própria sorte trabalhando nos correios. (...) *Meu pai mandou fechar a loja para falar comigo. Que íamos fazer o balanço do ano. (...) No fim, foi o diabo. Que não zelava pelos interesses da casa,.../ Sereno, tentei explicar com pormenores... Meu pai, furibundo, não atendia a nada. (...) Finalmente, gritei a plenos pulmões que não precisava de ninguém. Saí pela porta fora que nem um furacão.* (p.50) *Arranjei um lugar nos correios que me dava trazentos escudos por mês.* (p.51) Infelizmente, por causa de uma briga que ele teve com o empregado superior dos correios perdeu o trabalho, mas conseguiu outro na Assistência. (...) *Cortei com o jogo no dia em que tive uma briga com o empregado superior dos correios.* (ib) *Empreguei-me na Assistência e corria para baixo e para cima, dando ordens e tomando medidas.* (p.55)

Outras personagens mencionadas no conto são: a mãe, o pai, a avó, a Frank (criado) a D. Alda (professora), o Pinoti (capador), a Olívia (prima), a Adélia (tia), a Guida, nhâ Felismina, o Xalino e Chichiti. É-lhes atribuído o estatuto de personagens secundárias.

b) Espaço

“O Presídio, Achada-Grande, Fonte-Lexo, Barca-Baleeira, Capela de Nossa Senhora do Socorro” que fica a cinco quilómetros da vila, esses espaços referidos em *Dragão e Eu* são pistas que nos levam a concluir que toda a história se passou na ilha do Fogo. *Em casa não gostaram do cachorro, quando o trouxe da Achada Grande.* (p.43) *Para comemorar a resolução de meu pai, fomos à festa de Nossa Senhora do Socorro...* (p.49) *Metia-me com as crioulas de Fonte-lexo...* No Presídio, *debrucei-me ao parapeito que deita para o mar.* (p.51) *A areia estendia-se negra até à ponta da Barca-Baleeira.* (p.52)

c) Características temáticas

Pode-se dizer que *Dragão e Eu*, é um conto caboverdiano, pela presença da seca, da fome, da falta de chuva e da emigração. *Esperavam ansiosos pela chuva, que não vinha. Mesmo que chovesse, era já tarde. Compreendia que a situação se tornava cada dia mais difícil e eu tinha que trabalhar de qualquer forma. (...) os olhos escancarados para o céu aberto sem nuvens, donde não caía a chuva. Foi um tempo terrível aquele, para as gentes da ilha.* (pp.53-54,55)

Por causa da fome e da falta de água, havia migração de pessoas dos campos para a vila à procura de água e de comida para poderem sobreviver. *A vila enchia de gente que abandonava os campos sem água. Vinham esfarrapados, magros, com chagas enormes fedendo a podridão. As mães traziam os filhos pequenos à cabeça, em grandes balaies. Paravam à porta dos sobrados e mostravam os cestos de carriço onde se viam olhos gulosos emergindo de carinhas murchas de fraqueza.* (p.54)

4.1.4 Síntese do conto *Raiva*

O conto evidencia a problemática da emigração para São Tomé e está-se perante uma situação de regresso. Segundo Teixeira de Sousa, “o conto tem muito a ver com a minha vivência na ilha do Fogo, como médico. Fui encontrar nesse Albergue em Hospital uma mulher que se chama Nhâ Maria que estivera doente em São Tomé, donde regressou bastante afectada da saúde. Conservei-a no Hospital que se seguiu...”. (Entrevista concedida a Michel Laban *Cabo Verde. Encontro com Escritores*, 1992, p.201).

a) Personagem

Em *Raiva*, a protagonista de 43 anos, ao regressar à sua ilha, está *sem nada que a recomendasse para a vida, sem mocidade, sem saúde, e sem ninguém de família que a recebesse, porque todos haviam desaparecido naqueles anos de fome. (...) Mas que tristeza sentiu ao desembarcar numa ilha diferente da que tinha deixado.* (p.57) A mulher volta daquela triste emigração para São Tomé, completamente destruída, doente,

sem nada: nem bens materiais, nem laços afectivos. Esta personagem principal, que, como referiu o autor (ver síntese), era “Nhâ Maria”, no conto aparece sem nome, só é conhecida como “bruxa”. A única personagem a quem se atribui um nome é Nininha, mas o seu papel é secundário. *Os companheiros tinham-lhe ódio./ (...) Chamavam-lhe bruxa,... (...) Duma ocasião, um rapaz abusou da irmã, e foi ela, a bruxa do Albergue, quem isso surpreendeu e contou ao funcionário da administração, inteirinho, como as coisas se passaram.* (p.58) – *Que é que aconteceu? Que é que foi? – Foi a bruxa que bateu na Nininha – respondeu alguém.* (p.62)

b) Espaço

O espaço onde vai desenrolar-se toda a acção é um Albergue e é o mesmo que acolhe a personagem principal da história. O narrador dá-nos a conhecer que a protagonista antes de viajar vivia na sua aldeia ao sul da ilha, não é identificado qual a ilha, mas o micro-espaço “Patim”, que existe na geografia do Fogo, leva-nos a dizer que todo o enredo se desenvolve nesta ilha. *No sítio do Patim, a sua aldeia, nem um parente encontrou.* (p.57)

c) Características temáticas

Outro aspecto a considerar é a fome, que enquanto problema económico-social interferia nas relações interpessoais. *Havia fome quando tornou da grande viagem. (...) As pessoas haviam ficado más, como cães raivosos. Acabara-se tudo, a amizade, a vergonha, e só havia a raiva da fome. (...) Não tinham respeito os filhos aos pais, nem os pais aos filhos.* (pp.57-58)

4.1.5 Síntese do conto *Barrilinho de Azeite*

Neste conto destaca-se a importância da perda afectiva que foi a morte do filho de nhô Romualdo, por contraste com a perda do barrilinho de azeite. Nhô Romualdo, o protagonista, desloca-se da sua aldeia, Cova Figueira, para S. Filipe, com o objectivo de

arrematar um barrilinho de azeite. *Quando os galos cantaram a primeira pausa, deixou Nhô Romualdo a sua cama de homem só. Tinha muito caminho a andar até à vila. (...) Da Cova Figueira a S. Filipe eram quatro horas...* (p.65) Conseguiu: *O barrilinho de azeite foi arrematado pelo Sr. Romualdo Cipriano dos Santos.* (p.73) Infelizmente, quando já o tinha pronto e cima do burrinho: *O barrilinho rolou e foi bater estrondosamente de encontro ao parapeito do largo.* (ib)

Nessa deslocação de um lado para o outro, verifica-se algumas descrições paisagísticas e alguns pormenores da vida dele, uma vida cheia de infelicidades, pela perda do seu filho menor Manuelinho. *E quando Manuelinho fechou para sempre os olhos, terminou a sua aflição. Uma paz imensa desceu sobre o rostinho do finado. No coração do velho penetrou a mais funda mágoa que alguém alguma vez sentiu.* (p.67)

a) Personagem

Para além da personagem principal nhô Romualdo, constata-se outras personagens, nomeadamente: Luísa a serviçal, o filho morto Manuelinho, Dr. Barreto, Rufino, o compadre João e a mulher nhâ Marguida.

b) Espaço

O espaço narrativo deste conto é uma parte da ilha. *Da Cova Figueira a São Filipe eram quatro horas escarranchados numa mula, sem parar.* (p.65)

c) Características temáticas

Em *Barrilinho de Azeite* é visível o problema da chuva, da seca, uma ilha afectada por calamidades naturais. *Toda a encosta que descia suavemente até ao mar parecia ter sido escanhoada com uma enxada. A mais pequena mancha verde se via no chão ressequido com tantos anos de falta de chuva. As ribeiras eram bocas escancaradas para o céu. (...) Sem as águas, era uma monotonia de lava e pedregulhos, de ravinas e*

achadas... (p.68) O Governo teria de abrir trabalhos para socorrer os necessitados. (...) não se viam mesmo quaisquer sinais de chuva. (p.72)

4.1.6 Síntese do conto *Contra Mar e Vento*

Todo o conto narra a história de um naufrágio do navio *Ema Helena*, pertencente ao capitão Fortunato Semedo, cuja actividade era serviço de transporte. O capitão Fortunato durante o tempo que esteve atracado ao cais de Providence, conheceu Samuel Jacobson que vendia acessórios para barcos. Samuel propôs vender-lhe a preços especiais o motor, entre outras peças necessárias, ajudado pelo seu amigo Hermínio Montrond: *“Hermínio Montrond, sempre firme e plácido, prosseguiu: (...) Ninguém ignora que Ema Helena é um palhabote velho... não tem apetrechos em condições de fazer fretes. (...) Aqui o amigo Samuel vende-te todos os apetrechos de que o navio precisa. Ele tem um negócio de acessórios para barcos em Newport e não é nada careiro. (p.89) Os homens despediram-se. Capitão Fortunato ficou a matutar no negócio e a deitar contas à vida. (p.90)*

Mas apesar disso, o Fortunato, devido às suas fracas condições financeiras, não fez o negócio e decidiu seguir viagem sem consertar o navio. Era também grande a vontade de chegar atempadamente a Cabo Verde para passar a noite de Natal, com a família. (...) *o mais tardar, a vinte e oito desse mês largaria para Cabo Verde, para ainda chegar a casa pelo Natal. Oh, Natal é grande, Natal é grande pelo nascimento.... (p.97).*

O navio, no entanto, naufragou a caminho de casa. *Ema Helena pôs-se a bolinar às cabeçadas, de encontro às vagas todo atravessado com relação ao rumo do vapor. Convinha aproximarem-se o mais possível do tanker, para que fosse visto o sinal de socorro. (...) – Vão-se preparando para abandonar o navio. Eu sou o último a sair daqui. (p.105) Capitão Fortunato... nem olhou sequer para os rostos que assistiam ao espectáculo do palhabote a ser devorado pelas chamas... (p.107)*

Como capitão Fortunato não conseguiu realizar o seu desejo, por causa da perda do navio, por isso, teria que regressar aos E.U.A para trabalhar na apanha de laranjas em Califórnia, amealhando dinheiro para adquirir outro navio, ao qual daria o nome de *Ema Helena II*.

a) Personagem

As personagens que povoam o universo diegético são: capitão Fortunato como protagonista da história, Samuel Jacobson, Hermínio Montrond, Eugénia, Arturinho, nhâ Guida, Libânio Rocha, Agatha e Daniel Cardoso. É-lhes atribuído o estatuto de personagens secundárias.

b) Espaço

O espaço no conto é um cais: *O navio estava atracado ao cais de Providence desde Julho.* (p.85) *Quando chegaram ao cais de Providence, a noite já envolvia tudo, rio, cascos, mastros, farolins, projectores, sirenes, máquinas.* (p.96)

c) Características temáticas

A Emigração para as Américas: é um tema constante na obra do Teixeira de Sousa e neste conto ele conta a história de um naufrágio numa viagem entre a América e Cabo Verde.

d) Estrangeirismos

Em *Contra Mar e Vento* constata-se a presença de estrangeirismos, palavras estrangeiras que não estão integradas no léxico do português. Os topónimos e outras palavras do inglês são utilizados no discurso, sobretudo em situações conversacionais de negócios e só algumas vezes aparecem em situações narrativas e descritivas.

Diálogo de negócios: *Aqui o amigo Samuel vende-te todos os apetrechos de que o navio precisa. Ele tem um negócio de acessórios para barcos em Newport e não é nada careiro.*

– É muito tarde para pensar nisso./... Quem te disse que o Ema Helena faz água como um binde? Faz água como o faz qualquer navio de pau. – Good equipment for all kind

of ships I have. That's my business. Do you like to visit me in Newport? Do you, Captain Fôotenatoe? Samuel Jew aguardava-os em Newport para vender good equipment for all kind of ships. (pp.90, 93)

– Hermínio Montrond. Hurry up; hurry up, time is money. – Espera aí, homem. Isto é madrugada ainda. – Ó Jee, o seu yacht não tem motor? Não seja imprudente, Captain Fôotenatoe. Modernize o seu yacht. (pp.92, 95)

– Mui sabe, mui sabe, questa grogue. (p.88) Esta frase ilustra o que o narrador chama de imbróglio linguístico – *Mui sabe, mui sabe, questa grogue. (Fazia sempre um imbróglio do crioulo com o espanhol e o italiano.) (ib)* De facto, a terminologia linguística designa tal situação de Hibridismo linguístico – em que várias línguas são utilizadas. Verifica-se também em situações conversacionais de negócios entre o capitão Fortunato e o comerciante judeu Samuel Jew.

Situações conversacionais aquando do naufrágio do navio *Ema Helena*

– I see. Que pretendem? – Abandonar o navio. – O.K. Dont' be late. Go fast, go fast. – São gregos, capitão – disse o contramestre. (p.106)

Descrição: *Capitão Fortunato envergava overcoat azul-escuro e trazia erguida a gola. (p.85)*

O outro era vermelhuço que mais parecia yankee do que cabo-verdiano. (p.87)

Narração: *Um tug-boat passou perto fazendo soar a sua sirene rouca. (p.86)*

Scotch (p.86), jew (p.87), my goodness, sure, moonshine (p.88), bye (p.91), Yacht-man (p.93), yes (p.93), truck (p.97), good luck (p.98), lower (p.102).

Topónimos

Providence (pp.85, 96)

Pawtucket (p.97)

Newport (p.93)

New Bedford (p.102)

Califórnia (p.110)

Plymouth (p.87)

Explicação dos estrangeirismos

Good equipment for all kind of ships I have. That's my business. Do you like to visit me in Newport? Do you, Captain Fôotenatoe?

Eu tenho bom equipamento para todo o tipo de navio. Este é o meu negócio. Gostas de visitar-me em Newport? Gostas Capitão Fortunato?

Hurry up; hurry up, time is money.

Despacha-te, despacha-te tempo é dinheiro.

I see. Que pretendem? – Abandonar o navio. – O.K. Dont' be late. Go fast, go fast.

Eu entendo. Que pretendem? – Abandonar o navio. – Okey não demoras. Vai rápido, vai rápido.

No dicionário estas expressões têm o significado de: *Bye* (adeus, tchau), *business* (negócio), *good luck* (boa sorte), *hurry* (apressar-se), *jew* (judeu), *kind* (gentil, generoso, bondoso), *late* (tarde atrasado), *lower* (mais baixo, inferior), *my goodness* (minha bondade), *moonshine* (uísque produzido e vendido ilegalmente), *overcoat* (sobretudo), *sure* (seguro, certo, de confiança), *scotch* (whisky escocês), *ships* (navio), *tug-boat* (rebocador de bote, de navio), *truck* (caminhão), *yes* (sim), *yankee* (ianque), *yacht-men* (os homens que trabalham no iate), *yacht-man* (homem que trabalha no iate) (ver páginas acima referidas).

4.1.7 Síntese do conto *Encontro*

Antes de trabalhar a ficção, Teixeira de Sousa tratou de aspectos sociológicos nas páginas da *Claridade*, disse que “podemos considerar na ilha do Fogo quatro classes: a classe dos Brancos; a classe dos Mulatos, filhos de pai branco e mãe mulata ou preta, a que por comodidade chamaremos Mestiços; a dos Mulatos propriamente ditos, filhos de pai e mãe mulatos; e finalmente a classe que pertence o Povo”. (*A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940*, p.42).

No conto, Miguel está apaixonado por Ilda, pertencente a uma família branca. O retrato físico destaca que Ilda possuía *cabelos castanhos apartados ao meio, as tranças*

emoldurando-lhe a frente,...(p.113). Também o retrato social mostra que Ilda beneficiou duma educação refinada que incluiu a aprender a tocar piano. *M. Aproxima-se esta noite da minha casa cerca das nove horas. Tocarei para ti alguns trechos de Chopin. Vai ser um escândalo, visto que se aproxima a Semana Santa. I.* (p.111. N.B. A abreviatura dos nomes das personagens, tal como no bilhete). Mas dele só sabemos que “mexia nos conhecimentos de embarque, nas guias livres, nos papéis de despacho”. (p.116)

Parece que o pai e também os parentes não gostam do namoro dos dois: *Sr. Miguel... Dizem que o Sr Augusto, mais os parentes, não gostam nada do seu namoro com a rapariga que veio de Lisboa. – Namoro? Com a Ilda? – Não sei como ela se chama, mas assim é que dizem.* (p.117) Para Miguel, as divisões sociais acabaram e está decidido a lutar rijamente contra tal estado de coisas deveras injurioso para os demais. (p.116)

No conto ocorrem actos violentos: *Rachou cabeças, derrubou gente, estendeu quase um exército inteiro. (...) Quatro mortos, sete feridos graves e imensas fracturas de braços, pernas, costelas, clavículas, encheram o pequeno hospital da vila.* (pp.124-125)

Os actos religiosos são visíveis no enredo, visto que o conflito foi no dia em que todos poderiam reflectir e perdoar uns aos outros. (...) *saiu o Senhor dos Passos, sobre os ombros de quatro homens (...) Queria, afinal, um mundo melhor, mais justo, mais cordato. Pregou a igualdade numa época de privilégios.* (p.121) *O som áspero da matraca assinalou a aproximação da procissão. (...) o general Roberto, todo nervoso, olhava para um lado, olhava para outro. – Calma, deixem passar a procissão – advertiu Miguel. – Não passa nada. Agora é a cerimónia do Encontro – rectificou um dos acompanhantes.* (p.123)

a) Personagem

Para além das personagens Miguel e Ilda *supra* referidas, constata-se outras, tais como: o Roberto, a mãe de Miguel, nhô Augusto, nhâ Mariquinha, Dr. Eurico e o guarda-fiscal Semedo.

b) Espaço

O espaço onde se desenrola a acção é na rua, é nesse espaço público, que vai desenvolver-se o conflito entre os indivíduos que pertencem à classe dos senhores e os mestiços.

Conforme afirmou Henrique Teixeira de Sousa, “os mestiços são todos filhos bastardos e ostentam com vaidade o apelido do pai, (...) envolvendo-se em pancadaria com os mulatos, sendo importante e significava a ocorrência pela Semana Santa, em 1930”. Acrescentou-se, que “o adro da igreja estava apinhado de gente à espera da saída da procissão do Senhor dos Passos. Dois rapazes, um pertencente a família mulata, outro a família branca, arranjaram questão. A certa altura, engalfinharam-se e, por acaso, o mulato foi vencido”. (*A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940*, p.43).

c) Características temáticas

Trata-se de uma discriminação racial, provocada por uma denúncia de ordem social, pois a sociedade fogueense não permitia a miscigenação entre “sangue branco” e “sangue preto”.

Neste conto, verifica-se algumas pistas que nos levam a ver e reflectir que esta sociedade não permitia um relacionamento amoroso entre pessoas de “sangue branco” e “sangue preto”. *Ao passarem pelo atrevido do Miguel, disse Roberto, rangendo os dentes: – Queres implantar a lei do feijão-mistura, mas para cá vens de carrinho.* (p.120) *Roberto era um dos que se achavam piores. (...)/ Lá valente de verdade foi ele. Enfrentou uma caterva deles, gritando sempre: – Fora a lei do feijão-mistura, fora a lei do feijão-mistura.* (p.125)

d) Estrangeirismos

Em *Encontro*, os estrangeirismos *démodée* (fora de moda), *polonaise* (música e dança de salão) e *donaire* (aparência aristocrática) aparecem em situações conversacionais de diálogo entre uma mãe e um filho. – *Mãe, tu estás ultrapassada, démodée, obsoleta,*

anacrónica. (...) – Interessa-me é que a filha – alguém do século XX – vá esta noite executar uma polonaise cá para o teu rebento idolatrado. (p.113)

Nesse diálogo, a personagem Miguel utiliza *donaire* para caracterizar a personagem Ilda, a mulher por quem ele está apaixonado. – *Mãe querida, mãe do último século, o teu filho está apaixonada por aquela deusa de cabelos ao vento. Repara naquele donaire, naquela espiritualidade, naquela volatilidade. (p.119)*

4.2 Problematicar as necessidades de conhecer o português na sua diversidade e propor actividades de exploração dos contos.

Há de se considerar que a língua dominante que esteve na origem da formação da língua caboverdiana é a língua portuguesa, por isso, em termos lexicais há uma certa aproximação. Mas, no que concerne às regras gramaticais, são bem diferenciadas do sistema de escrita do português padrão.

É de salientar que a unidade linguística da língua portuguesa existe em simultâneo com a sua diversidade, como se verifica nos vocabulários, nas regras fonética, fonológica e sintáctica adoptada nos diferentes países, nomeadamente: Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-bissau. No caso de Cabo Verde, convívio entre ambas as línguas (o português e a língua caboverdiana) contribui não só para o enriquecimento da língua, mas também faz com que a língua mantenha sempre viva e dinâmica.

A melhor forma de “defender” uma língua é promover e defender as línguas que com ela convivem, neste caso a língua cabo-verdiana. O primeiro passo a seguir é desenvolver nos alunos, o seu conhecimento da língua portuguesa, é levá-los a tomar consciência de que falam duas línguas bem diferenciadas.

Segundo a autora Espadinha, a diversidade da língua não dificulta a troca de mensagens nem a comunicação, antes as enriquece e torna a língua “mais produtiva”. Para a mesma, “a diversidade das variantes da língua portuguesa é, ela também, um factor de enriquecimento”. Acrescenta-se, que “é comum verificarmos que há diferenças em relação à pronúncia de determinados sons, quanto às “formas de tratamento e até quanto a algumas realizações frásicas em que as diferenças se situam ao nível da sintaxe”. (Espadinha, “Da Diversidade à Unidade”, *apud Universidade em Rede XVII Encontro da Associação das universidades de língua portuguesa*, 2007, p.175)

Nesse sentido, considerou-se que a escrita de Teixeira de Sousa contribui para a diversidade do português, ou seja, para representar a realidade cultural caboverdiana, o autor recorreu a vocabulário, expressões, construções frásicas que se afastam do português padrão. Daí que este trabalho de fim-de-curso pretende também propor um trabalho fundamentado na leitura de textos literários para a construção de um

conhecimento que possa ampliar o universo linguístico do aluno, desenvolver sua sensibilidade, sua imaginação, e sua criatividade, através de pesquisa, dramatização, leitura oralizada, produção escrita, entre outras.

Ao analisar os textos verificou-se que há frases longas sem pausas que fogem à norma e que podem ser utilizadas em actividades sobre o funcionamento da língua, em que se faça a representação oral. Como se sabe, a oralidade é marcada pela frase coordenada, que resulta da situação de espontaneidade. A sua escolha, em vez da frase subordinada, pode ser entendida como uma marca estilística do autor. Neste sentido pode vir a ser uma actividade de aula a restituição do texto em português correcto. *Cumadre Mariana pensei que cumadre podia deixar Eduardo vir para nossa companhia sempre é uma ajuda a gente não tem vida remediada mas sempre vamos ajudando companheiro com fé em Deus e ajuda de Nossenhora até que uma luz entra melhor na nossa vida.* (p.15)

Um outro aspecto pertinente constatado ao analisar esses textos foram os erros ortográficos frequentes na escrita do português, por isso, propõe-se a correcção deste tipo de erros (exemplificada no anexo 3), uma edição cuidada do texto a ser fornecido aos alunos do ensino secundário.

4.2.1 Quadro de análise das estruturas linguísticas que mostram o português a ser modificado pela transferências da língua caboverdiana na obra de Teixeira de Sousa.

Português	Henrique Teixeira de Sousa	Outra forma de dizer verificada nos falantes da ilha do Fogo	Processos linguísticos
Apanhou	<i>Panhou</i> (<i>Menos Um</i> , p.15)	Panha/longan/dan.	A palavra da língua caboverdiana é adaptada à sintaxe da língua portuguesa adaptando-se-lhe apenas a conjugação verbal. Aférese presente
Ainda	<i>Inda agora</i> (<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.35)	Inda/ gorago.	Monotongação; que é muito frequente em língua caboverdiana. “Os sons duplos são em geral elididos para simplificar”. (Lima, 2002, p. 6:20).
	<i>Anh</i> (<i>A Família de Aniceto Brasão</i> , pp.22,26)	Anh/oi/kuzé.	Interjeição em resposta a chamamento.
Arrelhado “Raspadeira de ferro em forma de pá ou de meia-lua, fixa na extremidade da aguilhada, que serve para limpar	<i>Arrelhado</i> (idem, p.31)	Marradu/redjadu.	Utiliza-se para seres animados. Aférese presente

o arado”.			
(DLP Academia, vol I, p.355)			
Balaio “Cesto grande de palha em feitio de alguidar”. (DULP-Fundamental, p.85)	<i>Balaio/balaio</i> (<i>Dragão e Eu</i> , p.54) (<i>Contra Mar e Vento</i> , p.107)	Balá Tem a forma rectangular e boca larga, serve para carregar e apanhar feijão, milho, batata etc.	Supressão de duas vogais no fim da palavra. Balaio-balá Apócope presente
Breu “Resíduo escuro, sólido ou pastoso, proveniente da destilação de alcatrões das hulhas, resinas e petróleos”. (idem, p.110).	<i>Noite de breu</i> (<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.74) (...) <i>escuridão de breu</i> . (<i>Jocasta</i> , p.129)	Noti sukuru	Significante é igual mas a semântica do Fogo é diferente.
Castrar “Privar dos órgãos reprodutores”. (GDE Verbo, vol I, p. 523)	<i>Castrar</i> (<i>Dragão e Eu</i> , p.44)	Kapâ	A palavra usada no Fogo não é utilizada.
Cocuruto “O ponto mais elevado; cimo; alto da cabeça”. (idem, p.615)	<i>Cocuruto</i> (<i>A Família de Aniceto Brasão</i> , p.22) (<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.70) (<i>Contra Mar e Vento</i> , p.101)	kokurutu Parte mais alta e central da cabeça, de um monte, de uma casa.	Mesmo significante e mesmo significado. N.B. consta aqui por ser expressão rara na língua portuguesa.
	<i>Chiu</i> (<i>Dragão e Eu</i> , p.47)	Chiu/ kaladu	Onomatopeia
Coleira “ Peça de couro ou metal que se coloca em volta	<i>Correia/Coleira</i> (idem, pp.45,53)	Korreia/ kolera Uma corda que serve	Monotongação; que é muito frequente em língua caboverdiana.

do pescoço de alguns animais”. (idem, p.623)		para pôr no pescoço dos cães. Também tem correia de batata-doce. Uma espécie de “fio” que fica dentro da batata.	“Os sons duplos são em geral elididos para simplificar”. (cf Lima, p. 6:20).
Cutelo “Instrumento cortante semi-circular”. (<i>DULP-Fundamental</i> , p. 217)	<i>Cutelo</i> (<i>Menos Um</i> , p.14) (<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.74)	Kutelu Um lugar com uma certa elevação mas menor que um monte.	Significante é igual mas o significado do Fogo é diferente.
Directo “ Que está ou vai em linha recta; imediato; recto”. (idem, p.263)	<i>Direito/direitinho para a cadeia...</i> (<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.35) (<i>Raiva</i> , p.58) (<i>Jocasta</i> , p.129)	Diretu Sem desviar para o lado/ numa só posição, sem ir para nenhum lugar.	A semântica é igual.
	<i>Eh nhô Morgado.</i> (<i>Menos Um</i> , p.16) <i>Eh gente,...</i> (<i>Na Corte de El-Rei D. Pedro</i> , p.84)	Utiliza-se muito na ilha do Fogo quando se chama alguém.	Interjeição de chamamento.
Filha “Pessoa do sexo feminino ou qualquer fêmea em relação aos pais”. (idem, p. 351)	<i>Fêmeas/fêmea</i> (<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.55) (<i>Dragão e Eu</i> , p. 69)	Fêmia	Ambas as palavras usadas no Fogo são utilizadas. Mas utilizam-se “fêmea e macho”, em resposta a uma pergunta, ex: quantos filhos (as) têm?
Filho	<i>Macho/machos</i>	Matxo	(idem)

“Indivíduo do sexo masculino em relação aos pais”. (idem)	(idem, pp.53,69)		
	<i>Heim?! (Encontro, p.114)</i>	Rasmunga, reklama.	Interjeição para responder, com alguma má vontade.
	<i>Ham, ham (Jocasta, p.129)</i>	Gemê.	Interjeição de quem sente fortes dores no corpo.
Juventude “ Idade juvenil; gente moça; adolescência”. (idem, p.422)	<i>Mocidade (Barrilinho de Azeite, pp.57,74)</i>	Mosindadi/ juventudi.	A palavra da língua caboverdiana é adaptada à sintaxe da língua portuguesa. Epêntese presente
Jazigo “Campa, túmulo”. (DLP Academia, vol II, p. 2185)	<i>Jazigo (Menos Um, p.16)</i>	Akolhimentu/abrigo/ gazádju.	A semântica é diferente.
	<i>Laia (Dragão e Eu, p.54)</i>	Laia Quando a pessoa é mal vista pela sociedade e há ofensa entre ambas ele (a) diz que não é da sua laia.	A semântica é diferente.
Lata “Caixa feita de lata”. (DULP-Fundamental, p.427)	<i>Lata (Encontro, p.117)</i>	Lata Zingue feito de chapa de bidão, serve para carregar a água.	A semântica é diferente.
	<i>Loros (Barrilinho de Azeite, pp.65,70)</i>	Lorse Uma espécie de cinto que serve para pôr os pés. Fica ambos os lados da sela.	A palavra não existe na língua portuguesa.

Lourenço	<i>Lourenço/Lórenço</i> (<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.37)	Lorenzo/Lorens;	Lourenço-Lorenzo Síncope presente. Lorens-Lourenço Paragoge presente.
Mareado “Que enjoou em viagem por mar”. (<i>GDE Verbo</i> , vol II, p. 755)	<i>Mareado</i> (<i>Menos Um</i> , p.19)	Tontaskiadu, mareadu; Também tem o significado de pouco e nada.	Significante é igual mas há dupla significação para os falantes da ilha do Fogo.
Molho “Feixe; braçado”. (DULP-Fundamental, p.457)	<i>Moios de milho</i> (<i>Na Corte de El-Rei D. Pedro</i> , p.77)	Moiu di milhu Não existe “moios” de milho, mas sim molho ou (modju em LCV) de lenha. No Fogo as pessoas dizem garnel de milho e par de milho.	A palavra da língua caboverdiana não é adaptada à sintaxe da língua portuguesa.
Morrinha “Chuvisco” (idem, p.459)	<i>Morrinha</i> (idem, p.19)	No contexto do conto é morrinha de chuva, mas não é a forma correcta. Diz-se morrinha nos animais, ou seja, doença nos animais.	A semântica é diferente.
Necessidade	<i>Nascidade</i> (idem, p.15)	Nasasidadi;	Mudança de vogais no interior da palavra. Necessidade- Nasasidadi
Outubro	<i>Oitubro</i> (idem)	Otubru;	Supressão de uma vogal no meio da palavra. Síncope presente. Outubro-

			Otubru
Reboliço “O que é arredondado, que tem forma de rebolo; que rebola”. (<i>DLP Academia</i> , vol II, p. 3104)	<i>Reboliço</i> (<i>Encontro</i> , p.124) (<i>Jocasta</i> , p.132)	Rabulisu, barulhu, fastentura.	A semântica é diferente.
Remendo “Pedaço de pano com que se conserta alguma parte do vestuário ou qualquer tecido”. (<i>GDE Verbo</i> , vol III, p.358)	<i>Remendos</i> (<i>Dragão e Eu</i> , p.44) (<i>Contra Mar e Vento</i> , p.86)	Txapa Pedaços de panos que servem para pôr na parte interior do vestuário.	A semântica é igual.
	<i>Arma em riste</i> (<i>Encontro</i> , p.125)	No contexto da obra significa arma na puzisan.	N.B. consta aqui por ser expressão rara na língua portuguesa.
Roda “ Volta; círculo”. (<i>DULP-Fundamental</i> , p.554)	(...) <i>à roda do desgraçado...</i> (...) <i>à roda da palmeira...</i> (<i>Dragão e Eu</i> , pp.44,45,46) (...) <i>à roda da agredida. (...) à roda dos pulsos...</i> (<i>Raiva</i> , p.62)	Volta di disgrasadu; Volta di palmeira; Volta di agredida; Volta di pulsu.	Ambas as palavras (<i>roda</i> e <i>volta</i>) são utilizadas pelos falantes do Fogo.
Rolha “Peça cilíndrica para tapar certos vasos (garrafas, frascos, etc)”.	<i>Rolha</i> (<i>Raiva</i> , p.60) (<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.74)	Rolha Se denunciou alguém será chamado (a) de rolha. Se vier de um lugar muito distante,	A semântica é diferente.

(idem, p.555)		as pessoas dirão que ele (a) veio lá dos cascos da rolha.	
Ror “Grande quantidade; abundância”. (<i>GDE Verbo</i> , vol III, p.414)	<i>Ror de dias... ror de tempos</i> (<i>Dragão e Eu</i> , p.49) (<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.71)	Ror/ txeu dia, txeu tempu.	Mesmo significante e mesmo significado.
Rufando “Tocar rufos em; vi tocar de tambor”. (idem, p. 421)	<i>Rufando</i> (<i>Dragão e Eu</i> , p.51)	Rufã Bater rapidamente com o pau no tambor; se comer toda a comida, já rufou tudo.	Significante é igual mas constata-se uma dupla significação para os falantes do Fogo.
	<i>Saco larau</i> (<i>Menos Um</i> , p.17)	Saku larau Antigamente utilizavam somente este tipo de saco de lona para pôr arroz.	A expressão <i>larau</i> não existe na língua portuguesa.

4.2.2 Identificação e exemplificação de alguns processos sintáticos ocorridos em alguns contos do autor.

Nota-se alguns casos de aférese: que é um processo de “supressão de um segmento fonético em posição inicial de palavra”. (*Dicionário de termos linguísticos*, p.35). Exemplo: *Quando ia para palpar a barriga à rapariga, esta tornou a perguntar se podia dormir um pouco. Inda agora acabei de dizer a minha mulher...* (p.35)

O autor emprega a expressão *alimária* nos contos, este termo existe no português padrão mas só que o uso é muito raro. Enquanto que, na ilha do Fogo o uso é frequente, os falantes da língua caboverdiana pronunciam “limária”. “Un sta ba limária, dan kel limária kumé,” é também utilizada muitas vezes quando alguém faz coisas erradas as pessoas dizem “bó é sima limária”. *Quando os cascos da alimária começaram a pisar a calçada da vila, no relógio da igreja soaram as oito horas. As alimárias que traziam carregamentos tinham o seu recinto à parte, no quintalão do Sr. Jerónimo Cardoso.* (pp.70,79)

Verifica-se muitas vezes a apócope nas palavras *ná* e *viage*, houve uma omissão de uma vogal (o) e de uma consoante (m) no fim das palavras *supra* referidas. Muitas vezes ocorre o *ná* em língua caboverdiana, mas que na verdade corresponde o não advérbio de negação. *Ná, ná, ná! Assim não, este homem não está armado para guerra. Ná, o mais tardar, a vinte e oito desse mês largaria para Cabo Verde, para ainda chegar a casa pelo Natal.* (pp.97,123) *Mando 15 milrés para cumadre prevenir qualquer coisa que é de nascidade para viage do meu afilhado.* (p.15)

Constata-se também o *arrelhado* no dicionário que significa “raspadeira de ferro em forma de pá ou de meia-lua, fixa na extremidade da agulhada, que serve para limpar o arado”. (*Dicionário da Língua portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, p.355). A palavra utilizada pelo autor, é no sentido de amarrar o bezerro ao pé da mãe para poder deixar a pessoa ordenhar a vaca, ou tirar o leite e também para evitar que a mãe esconda o leite para o filho. *Ou então o bezerro que estava arrelhado à perna da vaca.* (p.31)

No que diz respeito às expressões *arremendos* e *remendos*, nota-se que nestes casos, dá-se o nome de uma epêntese acrescentamento da consoante (n) no interior da

palavra. *Já sabia de véspera que não ia. O meu casaco não podia levar mais arremendos. A vela grande era uma miséria, cheia de remendos e zonas esgarçadas.* (pp.15,86) (ver anexo 3)

O *socar* no conto aparece com o significado de calcar. Para os falantes da ilha do Fogo, o termo significa, qualquer líquido (leite, café), em que se põe pão, bolacha, bolo, camoca dentro do líquido e este fica espesso, grosso diz-se o líquido está socado. (...) *parando de socar o chão com os pés.* (p.130)

Um outro aspecto constatado nos contos é o emprego de *rijo*, que aparece com significados diferentes. Este vocábulo em língua caboverdiana é denominado de rixu, é muito utilizado no dia-a-dia fogueense. A palavra *rijo* tem o significado de “duro; forte; vigoroso”. (*Dicionário Universal da Língua Portuguesa – Fundamental*, p.553). Mas, no contexto da obra aparecem com outros significados. Verifica-se um contributo da língua caboverdiana para a língua portuguesa neste alargamento de categorias gramaticais, que ora aparece como adjectivo ora como advérbio. (...) *a dar tempo que os cães se fizessem mais rijos. Era mais novo e mais rijo de saúde. Tudo indicava a aproximação duma chuva rija.* (pp.43,74,131) Neste caso, o vocábulo *rijo* tem o valor de forte. Constata-se o mesmo com o significado de muito: *Conheci um colám que era pescador e botava o seu grogue bem rijo.* (p.112) E, com o significado de falar alto, em que a intensidade de estratégia de comunicação surge num contexto de confronto entre as personagens. *Libânio Rocha exigiu a devolução do dinheiro da passagem. O capitão tinha de lhe entregar o seu dinheiro no chapéu de feiticeira. Logo pusesse os pés na América, iria ter com o seu lower. Foi a primeira vez que o homenzinho falou rijo.* (p.102)

4.2.3 Conceptualização da narração, da descrição e do diálogo

A narração, a descrição e o diálogo, são modalidades de expressão extremamente indispensáveis na construção de um texto, visto que um texto se define pela sua finalidade situacional, ou seja, todo o acto de linguagem tem uma intencionalidade e submete-se a condições particulares de produção, o que exige do falante da língua determinadas estratégias de construção textual. A melhor forma de informar-se é através dos diálogos, numa descrição, quer literária, quer técnica, o ponto de vista do autor interfere na produção do texto. O ponto de vista consiste não apenas na posição física do observador, mas também na sua atitude, na sua predisposição afectiva em face do objecto a ser descrito. Desta forma, existe o ponto de vista objectivo e o ponto de vista subjectivo. Considera-se que a narração é a modalidade de redacção na qual contamos um ou mais factos que ocorreram em determinado tempo e lugar, envolvendo certas personagens.

Para Moisés a “narração consiste no relato de factos ou acontecimentos; envolve, portanto, acção, movimento, (...) No conto, funciona sobretudo como condensação dos pormenores, ligados ao passado, remoto ou próximo, que interessam ao desenvolver da acção”. (Moisés, 1997, p.30).

No que concerne à descrição, o mesmo frisa que “consiste na enumeração dos caracteres próprios dos seres, animados e inanimados, e coisas, (...) ela implica sempre a ausência de movimento do objecto descrito, (...) Na estrutura do conto, a descrição desempenha papel semelhante ao da narração. Tende, contudo, a ganhar mais importância, conforme o tipo de história narrada”. (idem, pp.30-31).

A “descrição é um elemento textual privilegiado de que o narrador dispõe para produzir o “efeito do real” a que se refere Barthes (1968, pp.84-89), acrescenta-se, ainda, que “a mesma origina sem dúvida uma pausa ou uma paragem na progressão textual da acção diegética, (...) quer no retrato, quer na figuração do espaço geográfico-telúrico e do espaço social a descrição mantém uma interacção contínua com os eventos diegéticos”. (Aguiar e Silva, 2006, p.740).

Moisés especifica que o diálogo constitui, portanto, a base expressiva do conto, (...) e indica quatro tipos de diálogos: i) diálogo directo (ou discurso directo), quando o contista põe as personagens a falar directamente, e representa a fala com um travessão ou aspas (há casos, no conto moderno, em que o escritor dispensa os sinais gráficos); ii) diálogo indirecto (ou discurso indirecto), quando o contista resume a fala das personagens em forma narrativa, isto é, sem destacá-la de modo algum; iii) diálogo indirecto livre (ou discurso indirecto livre), que consiste na fusão entre a terceira e a primeira pessoa narrativa, entre autor e personagem, “ numa espécie de interlocutor híbrido,” de modo que “a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indirecto através do qual o autor relata os factos”; iv) diálogo (ou monólogo) interior que se passa dentro, no mundo psíquico da personagem; esta fala consigo mesma, antes de se dirigir a outrem, por as palavras conterem “vários níveis de consciência antes que sejam formuladas pela fala deliberada”. (Moisés, *op.cit.*, pp. 28-29).

Modos de expressão literária

Contos	O que predomina	Exemplificação
<i>Menos Um</i>	- Narração;	<i>A minha mãe embrulhou duas velas no xaile e partiu com o Jack (...)/ Jack chegou da vila com uma carta da minha madrinha... (p.15)</i>
	- Descrição.	<i>O rebocador afinal era muito grande. No mar parecia pequeno! E não era branco, branco. O casco era mesmo bastante sujo. Lá dentro então era uma porcaria... (p.18)</i>
<i>A Família de Aniceto Brasão</i>	- Descrição	<i>A acácia do quintal era uma árvore enorme. O tronco tinha quase a largura dum poilão, os ramos e as folhas espalhavam.../ A casa dobrava-se em ângulo pelo lado sul. (p.21)</i>
	- Diálogo	<i>– Isto é aço que não enferruja. – Já fui. Agora... – hesitou o velho. – Não, o senhor está óptimo! (p. 24)</i>
<i>Dragão e Eu</i>	- Narração;	<i>Veio um dia, meu pai disse à mesa que era melhor castrar o bicho.(...) Minha avó saltou do lugar para</i>

		dizer... (p.44)
<i>Barrilinho de Azeite</i>	- Narração	<i>Quando os galos cantaram a primeira pausa, deixou Nhô Romualdo a sua cama de homem só.... (p.65)</i>
	- Descrição.	<i>Era uma cama de ferro de tom creme, larga, alta, de colchão americano... (pp.71-72)</i>
<i>Contra Mar e Vento</i>	- Narração	<i>Um tug-boat passou perto fazendo soar a sua sirene rouca. ...(p.86)</i>
	- Diálogo	<p>– <i>Do you like to visit me in Newport? Do you, Captain Fôotenatõe?</i> (p.90)</p> <p>– <i>Espera aí, homem. Isto é madrugada ainda.</i> (p.92)</p>
<i>Encontro</i>	- Narração	<i>Miguel encontrou a rapariguinha do casarão em frente encostada... A moça sorriu envergonhada, enterrou a cabeça...(p.111)</i>
	-Diálogo	<p>– <i>Mamã, tu sabes quem foi Chopin?</i> – <i>Quem?</i> – <i>Chopin, Chopin.</i> – <i>Cho...Pám?</i> Não, nunca conheci ninguém com esse nome. (p.112)</p>

4.2.4 Temáticas comuns nos diferentes contos

Nesta secção, temática significa segundo Shaw: i) “ideia principal e dominante numa obra literária; ii) ensaio breve; iii) a mensagem ou fundamento moral implícito numa obra de arte” (Shaw, 1982, p. 448).

Contos	Temas	Motivos
<ul style="list-style-type: none">- <i>Menos Um</i>;- <i>Dragão e Eu</i>;- <i>Raiva</i>;- <i>Barrilinho de Azeite</i>.	<ul style="list-style-type: none">- Seca cíclica;- Fome;- Falta de chuva;- Emigração para São Tomé;- Migração para as outras ilhas;- Amizade.	<ul style="list-style-type: none">- Companheirismo
<ul style="list-style-type: none">- <i>A Família de Aniceto Brasão</i>;- <i>Na Corte de El-Rei D. Pedro</i>.	<ul style="list-style-type: none">- Decadência de uma família, perda de bens materiais com graves consequências para a família;- Loucura.	
<ul style="list-style-type: none">- <i>Contra Mar e Vento</i>	<ul style="list-style-type: none">- Viagem- Emigração para as Américas, história de um naufrágio nas viagens de América a Cabo Verde.	
<ul style="list-style-type: none">- <i>Encontro</i>	<ul style="list-style-type: none">- Discriminação racial (...) “a recepção de mulatos e mestiços no seio da família branca é difícil e mesmo rara” (Sousa, 1940, p.42).	<ul style="list-style-type: none">- Trata-se de uma denúncia de ordem social, pois a sociedade fogueense não permitia a miscigenação entre “sangue branco” e “sangue preto”.

4.2.5 Formas de tratamento

Teixeira de Sousa refere nos seus contos da colectânea *Contra Mar e Vento* algumas formas de tratamento, nomeadamente: senhor, dona, velho, doutor, nhô e nhâ. É de realçar que há um uso mais frequente do nhô e da nhâ, nos contos *Menos Um* e *Dragão e Eu*. Nos outros contos verificam-se outras formas de tratamento para além destes.

O “nhô” e a “nhâ”, são formas de cumprimentar e responder às pessoas idosas, que hoje na nossa sociedade está a cair no esquecimento, mesmo nos espaços rurais.

Em *Menos Um*, o emprego do “nhô” ocorre em situações conversacionais informais em casa, mesma relação social de idade. *Nhô Morgado, o mundo está desanimado, (...) – Deus não dorme. Não há-de deixar morrer os seus filhos de fome.* (p.17)

No conto *A Família de Aniceto Brasão*, o termo *supra* citado ocorre em situações conversacionais informais em casa, relação social patrão/empregado. *O caseiro falou: – Nhô Aniceto, não precisa de mim? – Não. Já recolheste o burro? – Nhor sim.* (p.25)

No conto *Termo de Responsabilidade*, a forma de tratamento “nhâ” é utilizada em situações conversacionais formais no local de trabalho, como, por exemplo, na relação social parteira/enfermeiro. *A parteira é Nhâ Maria Júlia.* (p.34) *O ferro veio a ferver numa larga panela. O homem botou um avental branco, enquanto Nhâ Maria Júlia lavava as mãos para o ajudar.* (p.39)

Em *Dragão e Eu*, a forma “nhâ” é utilizada em situações conversacionais informais, em casa, na relação social pessoa idosa/meninos. *Era ainda menino, mas chegara à idade de já poder ter um cão. E assim que soubemos, eu e o meu primo, que a cadela de Nhâ Felismina tinha parido, saímos de abalada para Achada-Grande para escolher as crias mais bonitas.* (p.43)

Em *Barrilinho de Azeite*, o “nhô” e “nhâ” são utilizados em situações conversacionais informais na rua: *Ao passar pela loja do Rufino, no Forno, parou um instante para cumprimentar o amigo. (...) – Ó Nhô Romualdo, (...) Então a sua saúde, Nhô Romualdo? Os primeiros raios da grande bola de fogo dardejavam o toutiço de Nhô Romualdo* (pp.68-69). Também em casa, na relação social amigo/compadre: *Depois do almoço, Nhô Romualdo despediu-se de Nhâ Marguida, agradeceu-lhe a hospitalidade.... /Acompanhavam-no o compadre João...* (p.73)

Na Corte De El-Rei D. Pedro, constata-se o mesmo em situações conversacionais informais no botequim, na relação social entre amigos de infância. *Vicente Cardoso sentiu o estômago a retorcer-se de fome. (...) Se descobrisse algum botequim ainda aberto, mandaria preparar qualquer coisa para comer. (...) naquele instante Raimundo deu pela presença de alguém à sua beira. (...) dirigiu-se a Vicente de Nhô Jerónimo para lhe pedir um cigarro. Estendeu a mão para o amigo de infância,... (...) Quando, finalmente, conseguiu retirar o cigarro, o filho de Nhô Jerónimo já havia puxado do isqueiro para lho acender.* (p.81)

Constata-se no conto *Encontro*, o “nhô” e “nhâ” em situações conversacionais informais, em casa, na relação social mãe/filho. – *Mas toma cuidado, meu filho. Toma cuidado que Nhô Augusto é bravo. (...) Interessa-me é que a filha – alguém do século XX – vá esta noite executar uma polonaise (...) Quando deram aquela bandeira grande, Nhâ Mariquinha mandou chamar a mim e ao seu pai que Deus haja para irmos ver o pilão da varanda.* (pp.112-113)

O uso menos frequente é a forma de tratamento de Senhor, este é utilizado nos contos *Encontro*, *Na Corte de El-Rei D. Pedro*, *A Família de Aniceto Brasão*, *Termo de Responsabilidade* e *Barrilinho de Azeite*.

No conto *A Família de Aniceto Brasão* o “Sr.” é utilizado pelas personagens em situações informais, em casa, na relação social que estabelece uma diferença entre o empregado e patrão.

– *Sr. Aniceto, venha cá ver. Olhe para isto. Quer ver mais? Mande vir milho para ele. O caseiro trouxe a ração... Valdemar continuava distraído a olhar para a boca do animal. – Que é que tens, homem? – Sr. Brasão! Estou a falar contigo, homem de Deus. Que é que disse, Sr. Aniceto?* (p.24)

Em *Termo de Responsabilidade*, o termo é utilizado em situações formais no local de trabalho, na relação social enfermeiro/paciente. – *Sr. Soares, veja se ajuda a minha filha. O doutor não está. – Vamos a ver. Vamos a ver. O enfermeiro dirigiu-se direito ao quarto da parturiente.* (p.35)

Na Corte De El-Rei D. Pedro, o “Sr.” é utilizado pelas personagens em situações informais, na relação social que estabelece uma diferença entre a classe alta/classe do povo. *Com os dois braços erguidos e a cabeça também levantada para o firmamento, iniciou Raimundo o seu delírio de monarca todo-poderoso. – Eu sou el-rei D. Pedro, dono e senhor de todas as casas da vila. A casa do Sr. Jerónimo me pertence.* (p.77)

Em *Encontro*, o mesmo é utilizado em situações formais no local de trabalho, na relação social entre o empregado de Alfândega e o guarda-fiscal. *Nisto, alguém bateu à porta: Era o guarda-fiscal Semedo que vinha entregar qualquer coisa. (...) – Homem, que há mais? Olhe que tenho imensa papelada para despachar. – Sr. Miguel, preciso falar com o senhor sobre um assunto do seu interesse.* (p.117)

Verifica-se em *Contra Mar e Vento*, o “Mr” este anglicismo é utilizado em situações conversacionais de negócio, na relação social entre o interessado na compra e o vendedor. *Fortunato não resistiu à tentação de perguntar o preço do motor que Montrond indicou. Mr. Samuel informou que custava só catorze mil dólares.* (p.95)

4.2.6 Figuras de estilo

Os números de 1 a 7 correspondem ao conto *Menos Um*.

- 1) *O mundo, seco como a lenha.* (p.13) Comparação
- 2) *Os campos tinham uma tristeza tão grande que naquela manhã desejei que chovesse.* (p.14) Personificação
- 3) *Ó Nossa Senhora do Socorro, mande chuva.* (p.14) Apóstrofe
- 4) *O coração virou-me do tamanho dum grão de milho.* (p.17) Hipérbole
- 5) *A sola dos pés era mais branca que a cal da parede.* Metáfora
- 6) *O céu estava muito baixo.* Hipérbole
- 7) *Jack tinha um sorriso torto no canto da boca.* (p.18) Hipérbole

Os números de 8 a 11 correspondem ao conto *A Família de Aniceto Brasão*.

- 8) *O sol morria num crepúsculo cinzento.* (p.23) Personificação
- 9) *O portão gemeu nos gonços.* (p.24) Personificação
- 10) *Os olhos tornaram-se em brasa.* (p.29) Metáfora
- 11) *A rua emudeceu.* (p.29) Personificação

Os números de 12 a 13 correspondem ao conto *Termo de Responsabilidade*.

- 12) *Os olhos pareciam de vidro...* (p.35) Metáfora
- 13) *A rua silenciou por instantes e os olhares cruzaram-se.* (p.37) Personificação

Os números de 14 a 17 correspondem ao conto *Dragão e Eu*.

- 14) *As pessoas haviam ficado más, como cães raivosos.* (p.48) Comparação
- 15) *Minha avó disse que “Dragão” se parecia com o marido dela que Deus tenha.* (p.50) Eufemismo/ Comparação
- 16) *O eco na rocha era como que tambores rufando.* (p.51) Comparação
- 17) *As estrelas riscavam o céu em várias direcções.* (p.52) Personificação

Os números de 18 a 21 correspondem ao conto *Raiva*

- 18) *As pessoas haviam ficado más, como cães raivosos.* (p.57) Comparação
- 19) *Só viviam as bocarras famintas que a apupavam.* (p.59) Metáfora
- 20) *Um enjoo súbito virou-lhe o estômago do avesso.* (p.63) Hipérbole
- 21) *O chão ficou fofo como um colchão de penas. Mais fofo ainda, como se fosse o próprio ar, sem contactos, sem saliências, leve como o fumo.* (p.63) Comparação

Os números de 22 a 26 correspondem ao conto *Barrilinho de Azeite*.

- 22) *E quando Manuelinho fechou para sempre os olhos, terminou a sua aflição.* (p.67) Eufemismo
- 23) *As ribeiras eram bocas escancaradas para o céu...* (p.68) Personificação/ Imagem
- 24) *Toda a encosta que descia suavemente até ao mar parecia ser escanhoada com uma enxada.* (p.68) Metáfora/ Comparação
- 25) *O mar parecia um lago de azeite.* (p.70) Comparação
- 26) *Os bigodes alvos como a espuma das ondas,...* (p.73) Comparação

Os números de 27 a 31 correspondem ao conto *Contra Mar e Vento*.

- 27) *A cara volumosa de Mr. Samuel parecia uma bola de ferro em brasa.* (p.89) Comparação
- 28) *Os dentes eram duas fiadas de pérolas.* (p.92) Metáfora
- 29) *Os olhos chamejavam sensualidade.* (p.92) Metáfora
- 30) *Ó homem,...* (p.92) Apóstrofe
- 31) *O vento uivava nas enxárcuas como cães em noites de luar.* (p.100) Comparação e Animação (o vento, inanimado, que é dotado de uma característica de um ser animado, o cão)

Os números de 32 a 33 correspondem ao conto *Encontro*.

- 32) *Se fosse de tez clara, estaria lívido como a cal da parede.* (p.111) Comparação
- 33) (...) *a procissão começou a dissolver-se como sal na água.* (p.124) Comparação

Os números de 34 a 36 correspondem ao conto *Jocasta*.

34) – *Ó Deus!*... (p.129) Invocação/ Apóstrofe

35) *Os trovões roncavam em crescendo e as faíscas estalavam como chicotadas de Fogo.* (p.132) Comparação

36) *O céu se desfazia em ruídos e fogos.* (p.133) Hipérbole

Conclui-se que as figuras de estilo são formas criativas que um escritor escolhe para embelezar o seu texto. Elas são muito importantes na construção de um texto. Os vários recursos estilísticos encontrados nos contos do autor, têm uma mais valia no processo ensino-aprendizagem, visto que a sua análise proporciona uma visão ampla aos alunos, em reflectir e decodificar a mensagem.

Definem-se, pois, como:

Comparação – quando se compara duas coisas, identificando a partícula comparativa “como” ou através de verbos equivalentes.

Metáfora – quando se deixa ao leitor a tarefa de compreender que “a” é “b” na comparação de dois termos.

Personificação – quando se atribui características humanas a seres inanimados.

Apóstrofe/Invocação – quando se faz um chamamento a alguém ou a alguma coisa personificada.

Hipérbole – quando se diz algo num tom exagerado, seja no real seja no imaginário.

Eufemismo – quando se procura atenuar o impacto de um acontecimento triste, desagradável utilizando expressões suaves.

Imagem – Tem a ver com os aspectos sensoriais e estes provocam os leitores uma forte “carga” ou reacção afectiva, emocional.

4.2.7 Glossário

Língua portuguesa	Língua caboverdiana	Significado	Obras e páginas
<i>Bacia</i>	Basia	Recipiente que serve para lavar o rosto;	(<i>Menos Um</i> , p.13) (<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.35)
<i>Banheira</i>	Banhera	Recipiente que serve para lavar o corpo;	(<i>Dragão e Eu</i> , p.46)
<i>Barnedeira</i>	Barnederu	Planta que tem uma estatura baixa, cujas sementes servem para comer;	(<i>Na Corte de El-Rei D. Pedro</i> , p.80)
<i>Barquino</i>	Barkinu	Recipiente para pôr água, feito de pele de cabra;	(<i>A Família de Aniceto Brasão</i> , p.22)
<i>Binde</i>	Bindi	Recipiente de barro com buraco no fundo, serve para fazer cuscuz;	(<i>Contra Mar e Vento</i> , p.89)
<i>Bolso /algibeira</i>	Bolsu /ardjibera/ djibera	Elemento de vestuário que serve para nele se guardar pequenos objectos;	(<i>A Família de Aniceto Brasão</i> , p.25), (<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.35)
<i>Burro de Carreto</i>	Burru Karetu	Burro de carga;	(<i>Contra Mar e Vento</i> , p.86)
<i>Cachupa</i>	Katxupa	Comida típica de Cabo Verde feita de milho e feijão entre	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.65)

		outros ingredientes;	
<i>Calabaceira</i>	Kalabasera	Uma árvore enorme, cujo fruto chama-se krabasera;	(<i>Jocasta</i> , p.127)
<i>Cambada em fúria</i>	kanbada	Gente;	(<i>Encontro</i> , p.124)
<i>Chaleira</i>	Xalera	É feita de metal, de forma arredondada, serve para ferver o café;	(<i>Jocasta</i> , p.130)
<i>Chávena/ Xícara</i>	Xávina/ Xikra	Taça pequena, geralmente de louça que serve para tomar café, chá;	(<i>Dragão e Eu</i> , p.46) (<i>Jocasta</i> , p.130)
<i>Carapuço</i>	Karapusu	Quando o carapuço de nuvem aparece no cimo de um monte é sinal de chuva;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.70)
<i>Carriço</i>	Karisu	Uma espécie de cana dura que serve para fazer balaio, cana de pesca, “kankaran” (esteira para deitar). Também as pessoas usam-no na cobertura de casa de palha;	(<i>Dragão e Eu</i> , p.54)
<i>Chichiti</i>	Txitxiti	Nome de pessoa;	(idem, p.47)
<i>Colarinho/gola</i>	Kularinhu/Gola	Elemento de vestuário;	(<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.33), (<i>Contra Mar e Vento</i> , p.99)

<i>Colam</i>	Kolan	Nome de um escravo natural da Guiné Bissau, pertencente aos Barbosa Vicente; (Fonte oral)	(<i>Encontro</i> , p.112) “Coli, escravo de 34 anos de idade, mulato, natural da Guiné”. (Carreira, 1983, p.462).
<i>Cuscus /Cuscuz</i>	Kuskus	Farinha de milho cozida ao vapor de água fervente;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.65) (<i>Dragão e Eu</i> , p.49)
<i>Djedji</i>	Djedji	Nome de pessoa;	(<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.39)
<i>Freiras</i>	Frera	Uma espécie de plantas para alimentação do gado caprino e bovino;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.68)
<i>Frete</i>	Freti	Serviço pago de transporte de pessoas ou cargas;	(<i>Contra Mar e Vento</i> , pp.86,88)
<i>Machado</i>	Maxadu	Instrumento de ferro com cabo de madeira de diferentes tamanhos, serve para cortar o pau, a carne etc.;	(idem, p.101)
<i>Manduco</i>	Manduku	Pedaço de pau de madeira, serve para bater nas pessoas e nos animais. Também esta expressão significa muito;	(<i>Encontro</i> , pp.120,122)
<i>Mantenhas</i>	Mantenha	Dar cumprimentos à alguém;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.69)

<i>Monduro</i>	Munduru	Planta para dar os animais caprino e bovino;	(<i>Menos Um</i> , p.18)
<i>Nhâ /Nhô</i>	Nhâ /Nhô	Uma forma de cumprimentar e de responder às pessoas idosas;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , pp.70-71)
<i>Neco/Nequinho</i>	Neku/Nekinh	Nome de pessoa;	(<i>Jocasta</i> , p.130)
<i>Nininha</i>	Nininha	Nome de pessoa;	(idem, p.69)
<i>Nhonê</i>	Nhonê	Nome de pessoa;	(idem, p.72)
<i>Papá</i>	Papá	Pai;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.67)
<i>Pilão</i>	Pilon	Instrumento de pedra ou de madeira, serve para pilar milho;	(<i>Raiva</i> , p.58) (<i>Jocasta</i> , p.128)
<i>Pinoti</i>	Pinoti	Nome de pessoa;	(<i>Dragão e Eu</i> , p.44)
<i>Recados</i>	Rekadu	Transmitir a mensagem oral às pessoas;	(idem, p.50)
<i>Reposteiro</i>	Riposteru	Cortina;	(<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.33)
<i>Tambor</i>	Tanbor	Instrumento que serve para tocar nas festas dos santos populares, de forma arredondado, feito de pele de animais;	(<i>Dragão e Eu</i> , p.43)
<i>Tarimbas</i>	Tarinba	São paredes que servem para dividir o terreno agrícola;	(<i>Raiva</i> , pp.60,62)
<i>Tina</i>	Tina	Recipiente que serve	(<i>Menos Um</i> , p.13)

		para lavar a roupa;		
<i>Torcida</i>	Torsida	Feita de erva;	(<i>Termo de Responsabilidade</i> , p.35)	
<i>Touça</i>	Tosa	Planta que serve para dar aos animais ovino, caprino e bovino;	(<i>Barrilinho de Azeite</i> , p.68)	
<i>Vovó</i>	Vovó	Avó;	(idem, p.71)	
<i>Vovô</i>	Vovô	Avô;	(idem)	
<i>Xalino</i>	Txalinu	Nome de pessoa;	(<i>Dragão e Eu</i> , p.46)	
<i>Xaile/Xales</i>	Xali	É feito de pano, serve para agasalhar os ombros e a barriga, normalmente é utilizado pelas mulheres de uma certa idade.	(<i>Menos Um</i> , p.15) (<i>Encontro</i> , pp.120,122)	

Conclusão

Como explicitado na introdução a este trabalho, centrou-se a atenção em *Uma Abordagem Didáctica de “Contra Mar e Vento”, de Henrique Teixeira de Sousa. Contributos para a Prática da Língua Segunda.*

Enquanto sistema de representatividade, a literatura é extremamente importante, visto que reforça a nossa identidade, através dela preserva-se a língua, e esta acaba por ser um elemento rico no sentido de dinamizar o discurso, dando a conhecer todos os aspectos sócio-culturais de um País à nova geração. Nesse sentido, quando uma sociedade privilegia a inserção de valores, a adopção desses valores representa a vontade de tornar tal contexto o mais semelhante possível.

Henrique Teixeira de Sousa é fruto da sua vivência e da sua mundividência, isto é, do seu labor como homem que resulta na sua multifacetada obra literária. A temática, os assuntos retratados surgem ocasionados pelas conjunturas vivenciadas, pelo facto de o autor estar inserido numa dada comunidade histórico-cultural e ideológico que regula, sobretudo, o seu discurso que reflecte as marcas dos valores da comunidade fogueense. Com isso, não se pode ignorar as suas produções literárias, tanto que se trata de um clássico da literatura caboverdiana. Teixeira de Sousa é assim uma espécie de “mágico” da língua, criando, apropriando, renovando a língua portuguesa em novas e inesperadas direcções.

Quanto à colectânea *Contra Mar e Vento*, verificou-se que se trata de resultado de um estudo sobre os aspectos sócio-culturais da sociedade fogueense, que o autor resolveu ficcionalizá-la. Com efeito, resultou numa excelente obra literária que joga com o ficcional e o real.

Da análise da obra do autor, considerou-se que a escrita de Teixeira de Sousa contribui para a diversidade do português, ou seja, para representar a realidade cultural caboverdiana, o autor recorreu a vocabulário, expressões, construções frásicas que se afastam do português padrão. Na verdade, essa diversidade linguística é bem “clara” nos contos analisados, visto que o autor através da escrita, ele mostra-nos uma sociedade caboverdiana com linguagem, formas de tratamento e estilo de vida própria da sociedade caboverdiana.

Há, entretanto, outros aspectos considerados importantes para uma melhor compreensão dos alunos, nomeadamente: Propor um trabalho fundamentado na leitura de textos literários, para a construção de um conhecimento que possa ampliar o universo linguístico do aluno, desenvolver sua sensibilidade, sua imaginação, e sua criatividade. Corrigir todas as gralhas existentes na escrita do português nos diferentes contos, uma edição cuidada do texto a ser fornecido aos alunos do ensino secundário.

Para que os alunos possam apropriar-se de novos conhecimentos, conhecendo a realidade de uma sociedade, neste caso, todas as histórias centradas no quadro da ilha do Fogo, desde a infância, certos aspectos de confrontação social, a aventura do caboverdiano para América, a problemática da seca, entre outras. É preciso ter essa consciência, de que todos os contos devem apresentar-se com a correcção linguística, para que os alunos tenham acesso às formas correctas da língua portuguesa, num texto que já tenha sido revisto por razões pedagógicas (ver anexo 3).

Para finalizar torna-se necessário frisar que todos os textos analisados da colectânea *Contra Mar e Vento* são muito importantes na orientação e organização das actividades na sala de aula, não só pela riqueza e diversidade de conteúdos a serem explorados, mas também, está-se a divulgar o autor e a sua obra enquanto elemento da literatura caboverdiana, para um melhor conhecimento e prática da língua segunda.

Bibliografia

Aguiar e Silva, V.M. de. (2006). *Teoria da Literatura*. Coimbra, Edições Livraria Almedina. 8ª- Edição, p.740.

Carreira, António. (1983). *Cabo Verde – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Com o patrocínio da comunidade Económica Europeia Instituto Caboverdeano do livro. 2ª- edição, p.462.

Claude, G. (1983). *Langue Maternelle et Langue: Concept d' Obstacle Pédagogique*, Le Français dans le Monde. nº- 177, pp. 27-30.

Chomsky, N. (1981). *Regras e representações: a inteligência humana e seu produto*. Rio de Janeiro. Zahar, pp.18-19, 46.

Cunha, C., Cintra, L. (1999). *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa. 12ª- Edição, p.377.

Dicionário de Inglês. Português – Compacto, (1999). Lisboa, Editor Texto Editora, Lda 2ª- Edição, pp. 35, 146, 162, 166, 169, 177, 189, 203, 253, 256, 276, 294, 316.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, (2001). Editorial Verbo. (Vols. I-II), pp. 355, 2185, 3104.

Dicionário Universal da Língua Portuguesa – Fundamental. (1998). Lisboa, Texto Editora LDA. 2ª- Edição, pp. 85, 110, 217, 263, 351, 422, 427, 436, 457, 459, 553, 554, 555.

Espadinha, M. A. “Da Diversidade à Unidade”, *Universidade em Rede XVII Encontro da Associação das Universidades de língua Portuguesa*. (AULP). (2007) Praia Cabo Verde, p.175.

Ferreira, M. (1967). *A Aventura Crioula*. A.H.N. Lisboa, Edição Ulisseia. Limitada, p.XV.

Fortes, C. (2006). *Teixeira de Sousa – quase um século entre a medicina e a cultura*. Acedido em 27 de Julho de 2009, em: <http://www.asemana.cv/article.php>.

Galisson, R., Coste, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra. Livraria Almedina, p. 443.

Grande Dicionário Enciclopédico Verbo. (1997). Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, (vols I,II,III), pp. 358, 414, 421, 523, 615, 623, 755.

Gomes, A., Cavacas, F., Leitão, I. et alii. (1991). *Guia do professor de Língua Portuguesa*: vol I, 2º- Nível. Lisboa. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, pp.171-172, 145-146.

Guislan, G. (1994). *Didáctica e Comunicação*. Lisboa. Edições Asa, p.11.

Laban, M. *Cabo Verde. Encontro com Escritores*. Porto, Portugal. Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992 vol I, pp. 166, 208, 210-211, 217.

Laranjeira, P. (1995). *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa Universidade Aberta, pp. 180-185.

Lei nº- 103/ III/ 90. (1990 I Série 29 de Dezembro). *Estabelece as Bases do Sistema Educativo*. In Boletim Oficial da República de Cabo Verde.

Lima, Maria de Lourdes. *Fonologia e Morfologia do Português*. Praia, ISE, 2002, p. 6:20.

Moisés, M. (1997). *A Criação Literária*. São Paulo. Edição Cultrix, pp. 15,18, 20, 25, 28, 29, 30, 31.

Oliveira, A., Botelho, A., Lamas, E. et alii. (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*. Porto Editora. Lda, pp.126-128, 274.

Reis, C. (1995). *O Conhecimento da Literatura, Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra. Livraria Almedina. 2ª- Edição, p.360.

Reis, C., Lopes, A. C. (1992). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra. Livraria Almedina, pp.77, 129,130, 257-258.

Sanches, M. de F. (2005). *Atitude de Alguns Caboverdianos Perante a Língua Materna*. Praia. Edição Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, p.31.

Saussure, F. de (1971). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa, Publicações D. Quixote, p. 138.

Saussure, F. de. (1999). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 8ª- Edição, pp.13, 442.

Shaw, H. (1982). *Dicionário de Termos Literários*. Lisboa. Publicações D. Quixote, 2ª- Edição, p. 278.

Semedo, M. B. (2006). *A Construção da Identidade Nacional Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*. Praia. Editora Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, pp.186-187, 315.

Stern, H. (1983). *Fundamental Concepts of language Teaching*, Oxford: OUP, p.16.

Silveira, O. (1963). *Consciencialização na literatura caboverdiana*. Lisboa. Edição da casa dos Estudantes do Império, p.12.

Sousa, H. T. de. (1947). *A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940*. In *Claridade* nº-5 S.Vicente. Ed. Nuno Miranda, p.42.

Sousa, H. T. de. (1958a). *Cabo Verde e a sua gente*. (Palestra Lida na Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no Porto, em Novembro de 1954), p. 3.

Sousa, H. T. de. (1958b) *Sobrados, Lojas e Funcos. Contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo. In Claridade* nº- 8, Maio, p.3.

Sousa, H. T. de. (1963). *A Cultura caboverdiana tem a sua expressão própria que o sub-desenvolvimento do arquipélago lhe confere. In Cabo Verde: Boletim Documental da Cultura -Ano XIV. nº- 10-12/166-168, pp. 12-14.*

Sousa, H. T. de. (1983). *Da especificidade da literatura caboverdiana. In Voz di Povo* Ano IX. nº- 360, p.8.

Sousa, H. T. de. (1993). *A problemática da Língua na literatura caboverdiana. In A Semana* Ano II, nº- 117, p. 13.

Sousa, H. T. de. (n.d). *Contra Mar e Vento – contos*. Local: Mira - Sintra - Mem Martins. Editor: Francisco Lyon de Castro, Publicações Europa-América.

Sousa, H. T. de. (2005) *Crioulo Língua Oficial*, *Jornal Terra Nova*. Ano XXX nº- 338, p. 3.

Teyssier, P. (n.d). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora. Tradução de Celso Cunha, p.93.

Turano, M. R. (2000). *Memória e Identidade nos contos de Teixeira de Sousa (para uma antropologia da literatura)*. Acedido em 28 de Julho de 2009, em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduação/ecl/pdf/via04-19.pdf>.

Veiga, M. (2004). *A Construção do Bilinguismo*. Praia. Edição Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, p.12.

Veiga, M. (2006). *Teixeira de Sousa - quase um século entre a medicina e a cultura*. Acedido em 27 de Julho de 2009, em: <http://www.asemana.cv/article.php>.

Xavier, M. F., Mateus, M. H. (1990). *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa, vol I, Edições Cosmos. Editora Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, pp. 231, 274-278.

.

ANEXO

1. A obra

Ficção

Contra Mar e Vento, (1972), contos.

Ilhéu de Contenda, (1978), romance.

Capitão de Mar e Terra, (1984), romance.

Xaguate, (1987), romance.

Djunga, (1990), romance.

Na Ribeira de Deus, (1992), romance.

Entre Duas Bandeiras, (1994), romance.

Oh! Mar de Túrbidas Vagas, (2005), romance.

Outras obras publicadas, segundo Manuel Ferreira em *A Aventura Crioula*:

Da Claridade à Certeza, in *Certeza* – folha da Academia, nº-2 S. Vicente, Junho (1944).

O problema alimentar em Cabo Verde. Praia, Cabo Verde, Imprensa Nacional, (1954).

Cabo Verde e a sua gente. Praia, Cabo Verde, Imprensa Nacional, (1959).

Mais de cinco anos na presidência da Camara Municipal de S. Vicente. Ed. do Autor. Águeda, Gráfica Ideal, (n/d).

Em *Claridade*

A estrutura social da Ilha do Fogo em 1940, *Claridade* nº- 5, Setembro (1947).

Sobrados, Lojas e Funcos. Contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo, *Claridade* nº- 8, Maio (1958).

Em *Cabo Verde – Boletim de Propaganda e Informação*

Recolhas folclóricas – curcutiçam (Ilha do Fogo), nº-63 (Dez.1954) e nº-67 (Abril 1955);

A emigração para S. Tomé, nº-. 65 (Fev. 1955);

A alimentação e saúde nas ilhas de Cabo Verde, nº-. 92 (Maio 1957).

2. Características linguísticas nos diferentes contos de Teixeira de Sousa

Menos Um

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*Recebi sua carta fiquei cismando em tudo que cumadre manda **mi** contar. José **panhou** lista de soldado ficou limpo graças a Deus. Mando 15 **milrés** para cumadre prevenir qualquer coisa que é de **nascidade** para **viage** de meu afilhado. Rebocador vem fim de **Oitubro**. (p.15)*

Língua portuguesa/ Língua caboverdiana

*(...) a vizinhança vinha **catar** piolhos,... (...) que as pessoas, quando chegavam à idade do meu avô, começavam a **avariar** o juízo. (p.13)*

*Eu sabia que, se chovesse, **prantava-me de riba dum cutelo** a guardar corvos. A água cercava-me por todas as **bandas**. **Apupava** para os espantar... (p.14)*

*(...) mas sempre vamos **ajudando companheiro**... (p.15)*

*(...) e ficou a **esgravatar** o cachimbo. Só se ouviam os grilos. **Trr... Trr...** (p.16)*

*Quando assomei no **cimo do cutelo**, ela pôs-se a berrar. (p.17)*

*Comecei a ficar **mareado**. (p.19)*

A Família de Aniceto Brasão

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*(...) que as **nharas** e as flores... (...) e da **banda** do norte corria um murro de dois metros de alto,... (p.21)*

*Os **cangalhos** precisavam de ser arranjados. Porque não cosia o **barquino**? (p.22)*

*(...) e olhou para as **bandas** da Esmeralda. (p.24)*

*A Esmeralda sugeriu uma **biscada**,... (p.27)*

*Andava pela certa de juízo **avariado**. (pp.30-31)*

Língua portuguesa /Língua caboverdiana

*(...) pelo quintal, pela **cisterna**... A Esmeralda **metia-se** com o caseiro... (p.23)*

*(...) e olhou para a **nuca** do rapaz. (p.25)*

*(...) e foi andando pelo quintal a **bambolear**... (...) uma aragem do norte **bulia** as folhas secas do chão. (p.28)*

Língua portuguesa/Português padrão/Língua caboverdiana

*(...) e a Sofia **prantava-se** ao pé do pai a **enxotar** as moscas até o velho começar a **ressonar**. (p.23)*

Português padrão /língua caboverdiana

*A Esmeralda bem queria **acatar** a recomendação do pai. (...) e com os **beijos** começou a colher os grãos **avidamente**. (p.24)*

***Isto cá** - batendo com a bota no soalho - é meu... (p.29)*

Português padrão

***Ergueu-se** e pôs-se a enrolar o cigarro. (p.25)*

*(...) ela **aquiesceu** com um gesto maroto. O velho **pigarreou** alto,... (p.27)*

***Trauteava** uma modinha então de voga: (p.31)*

Termo de Responsabilidade

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*Quando se sumiu por trás do **reposteiro** encarnado, o Soares teve uma visão agoirenta. (p.33)*

*O enfermeiro dirigiu-se **direito** ao quarto da parturiente. **Inda** agora acabei de dizer a minha mulher... (p.35)*

Português padrão/Língua caboverdiana

*É por causa do Lourenço. **Lórenço** da botica.../ – Onde está o Lourenço? Vou chamar **Lórenço**, posso ir?* (p.37)

Língua portuguesa /Língua caboverdiana

*Quando ia para **palpar** a barriga à rapariga, esta tornou a perguntar se podia dormir um pouco.* (p.35) *Depois de **palpar** a barriga à Eunice, o enfermeiro pediu àgua para lavar de novo as mãos.* (p.36)

Dragão e Eu

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*(...) e pensei então **em tocar** o cão para fora do quintal. Quatro vezes o **vi escapo**. Chegou ao pé de mim e **estacou**.* (p.46)

*Quando a via, fugia para ela não me **tocar** no assunto.* (p.47)

*(...) e os **machos** de verdade **fincavam-se** no chão e esperavam pelo que desse e viesse.* (p.51)

*Lá para as **bandas** da Brava piscava o farolim de um barco.* (p.52)

*Segurei-o pela coleira e os **machos** lá se foram à frente do carreteiro.* (p.53)

*(...) e ficava sozinho, possuidor de **fêmea** que os outros **cobiçavam**.* (p.55)

Português padrão /Língua caboverdiana

*Era bem diferente do vulcão, **como a noite do dia**.* (p.48)

Língua portuguesa /Língua caboverdiana

*As velas, arreadas a meio mastro, **bamboleavam** frouxas de estibordo a bombordo.*
(p.53)

*(...) vi-o sumir-se **que nem bala**.* (p.49)

*Dragão correu atrás do homem que se **agachou** por trás de um tamarindeiro.* (p.53)

*Assim é que viram os homens **rasparam-se que nem foguetes**.* (p.47)

Português europeu/ Português brasileiro (PB/PE)

*Eu **sacava** da pistola e parava a cavalgada.* (p.54)

Raiva

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*O rapaz saiu **direitinho** para a cadeia e ela foi agredida pela mãe com um pau de pilão.*
(p.58)

*Ao pretender encaminhar-se para a **banda** da serra, tropeçou no pote,...* (p.60)

*Marchou **rijamente** até à porta, sem se importar com o escuro.* (p.61)

Língua portuguesa/Língua caboverdiana

*Só viviam as bocarras famintas que a **apupavam**.* (p.59)

Português brasileiro/Português europeu (PB/PE)

*Os companheiros do Albergue punham-se de longe a **cochichar** enquanto ela, solícita, mostrava...* (p.59)

Barrilinho de azeite

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*Cinco **fêmeas** e quatro **machos** com este que nasceu ontem.* (p.69).

*Isso repetia-se há um **ror** de tempo. – Não, o senhor experimente **compridar os loros**, e verá que incomodam menos.* (p.71)

*Era mais novo e mais **rijo** de saúde. (p.74)*

Língua portuguesa/Língua caboverdiana

*Reparou mesmo que **apupavam** para ele, e para mais ninguém. (p.71)*

Português padrão/Língua caboverdiana

Em novo teve muitos filhos. (p.67)

Na Corte de El-Rei D. Pedro

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*(...) como um estrangeiro à **cata** de sensações. (p.78)*

*As **alimárias** que traziam carregamentos tinham o seu recinto à parte, no **quintalão** do Sr. Jerónimo Cardoso. (p.79)*

Contra Mar e Vento

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*(...) ouviu **tocar** com insistência a buzina dum carro. (p.87)*

*Ora bolas, também era homem **macho** e com cabeça para saber jogar a partida **taco a taco**. Não, o mais tardar, dentro de dez dias, dizia good bye ao cais de Providence e fazia proa para a sua terra, **direito** a S. Filipe. (p.91)*

***Ná**, o mais tardar, a vinte e oito desse mês largaria para Cabo Verde, para ainda chegar a casa pelo Natal. **Ná**, o judeu mais o amigo Montrond que fossem governar as próprias algibeiras. **Ná, ná, ná!** Assim não, este homem não está armado para guerra. (pp.97,123)*

*Só restava arriar a carangueja e pedir a Nossa Senhora do Socorro que fizesse surgir um vapor por aquelas **bandas**. (p.101)*

*Foi a primeira vez que o homenzinho falou **rijo**. (p.102)*

*Dormia umas horinhas e acordava com o **catrã-catrã** da bomba, no convés. (p.103)*

(...) o que nos levou a todos, incluindo o capitão, a **tocar** à bomba quase permanentemente. (p.109)

Língua portuguesa/ Língua caboverdiana

Emborcou outro cálice de **grogue**. Sentou-se num banquinho junto à mesa de comer e alcançou a garrafa de **grogue** velho de Santo Antão. (p.86)

As escotas já não **bamboleavam**. (p.99)

(...) balouçando sacudidamente no **cocoruto** das vagas. (p.101)

O contramestre ainda segurou o leme a tempo de as velas não **camparem** para estibordo. (p.104)

Português padrão

(...) época dos ventos **alisados** fortes. (p.86)

Com o **assentimento** do dono do navio,... (p.106)

(...) resolvemos **arribar** a um porto da costa americana. (p.109)

Encontro

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

Conheci um colám que era pescador e **botava o seu grogue bem rijo**. (p.112)

Vieram **direito** à bela-sombra. (p.120)

Logo, um dos homens advertiu: – **Ná, ná, ná!** Mais de dez homens galgaram os degraus da **banda** de baixo. (p.123)

Roberto era um dos que se **achavam** piores. (p.125)

Português padrão/Língua caboverdiana

*Foi dar com ela junto à cozinha a **descascar feijão**.* (pp.111-112)

*Fumou cigarro atrás uns dos outros. Sentou-se em quase todos os bancos a **balancear com a perna**...* (p.113)

*Ele ouvia-o e **desanimalizava-se**. – Olhe, **puxe daquela cadeira** e senta-se aqui ao pé. (...) com o cotovelo **fincado** sobre o **tampo**.* (p.115)

*O som áspero da **matraca** assinalou a aproximação da procissão.* (p.123)

*Vaga de pânico **ziguezagueou por entre** a multidão,...* (p.124)

Língua portuguesa /Língua caboverdiana

*(...) uma voz de baixo que **bulia** cá com as tripas da gente.* (p.120)

***Rachou** cabeças, derrubou **gente**, estendeu quase um exército inteiro.* (p.124)

*As forças do sangue **bulia-lhe** nas veias.* (p.132)

PB/PE

*No regresso, **topámos** com um rebanho que pastava num terreno negro de lavas.* (p.49)

Jocasta

Português modificado em Cabo Verde/ língua caboverdiana

*(...) para onde se **achava** o caixote. Saiu à **cata** dumas folhinhas de erva-cidreira, e também do alguidar de folha zincada.* (p.130)

*Tudo indicava a aproximação duma chuva **rija**.* (p.131)

Língua portuguesa/ Língua caboverdiana

*Quando **aluava**, fugiam dele como o diabo da cruz.* (p.127)

*Com a lanterna, ela **alumiou-o de alto para baixo**.* (p.129)

*(...) e levou-lhe a chávina à boca, que **emborcou dum** trago.* (p.131)

*Chuva cerrada, mas já sem o **rebolço** de há pouco, caia lá fora.* (p.13)

3. Contributos para uma reedição do texto

Gralhas encontradas

*O meu casaco não podia levar mais **arremendos**.* (p.15)

O olhos pareciam de fogo... (p.48)

*Os **meninhos** ganhavam rugas e pareciam uns anões velhos.* (p.54)

*Os **loros** possuíam várias emendas.* (p.65)

*Querido Manuelinho! Ele era **a menina** dos olhos do seu pai.* (p.68)

*As moscas ocuparam imediatamente o forro preto da **umbela**.* (p.69)

*– O senhor trazia **os loros** muito curtos. Para longas caminhadas, longos **loros** – dizia o meu pai.* (p.70)

***Cos** diabos, um bocadinho mais de respeito pela esposa.* (p.72)

*Mais nós e mais apertos vigorosos até o animal acusar a pressão dos **baraços**.* (p.74)

*Desde Julho não tinha feito outra coisa senão gastar e gastar muito com **as soldadas** e a alimentação dos tripulantes.* (p.85)

*A vela grande era uma miséria, cheia de **remendos** e zonas esgarçadas.* (p.86)

*(...) ao lado do volante, **anichava-se** uma rapariga de tez morena.* (p.92)

*O capitão tinha de entregar o seu dinheiro no **chaéu** de feiticeira.* (p.102)

*– Interessa-me é que a filha – **alguém século XX** – vá esta noite executar uma polonaise cá para o teu rebento idolatrado.* (p.113)

*(...) ruídos estranhos eclodiram dos lados **do coreto**.* (p.123)

*E assim o **rebolicho** se espalhou em segundos por todo o largo.* (p.124)

*O Sr. Administrador a custo alcançou o **coreto**,... (...) encostados ao corrimão **do coreto**.* (p.125) *Com movimentos delicados foi-se desprendendo devagarinho, deixando-o esparramar-se à vontade sobre a esteira de **caniço**.* (p.132)

*Chuva cerrada, mas já sem o **rebolicho** de há pouco,...* (p.132)

A forma correcta

O meu casaco não podia levar mais **arremedos**. (p.15)

Os olhos pareciam de fogo... (p.48)

Os **meninos** ganhavam rugas e pareciam uns anões velhos. (p.54)

O lorse possuía várias emendas. (p.65)

Querido Manuelinho! Ele era **o menino** dos olhos do seu pai. (p.68)

As moscas ocuparam imediatamente o forro preto da **umbrela**. (p.69)

– O senhor trazia **o lorse** muito curto. Para longas caminhadas, longo **lorse** – dizia o meu pai. (p.70)

Cruz diabos, um bocadinho mais de respeito pela esposa. (p.72)

Mais nós e mais apertos vigorosos até o animal acusar a pressão dos **braços**. (p.74)

Desde Julho não tinha feito outra coisa senão gastar e gastar muito com **os soldados** e a alimentação dos tripulantes. (p.85)

A vela grande era uma miséria, cheia de **remedos** e zonas esgarçadas. (p.86)

(...) ao lado do volante, **achava-se** uma rapariga de tez morena. (p.92)

O capitão tinha de entregar o seu dinheiro no **chapéu** de feiticeira. (p.102)

– Interessa-me é que a filha – alguém **do** século XX – vá esta noite executar uma polonaise cá para o teu rebento idolatrado. (p.113)

(...) ruídos estranhos eclodiram dos lados **dos correios**. (p.123)

E assim o **rebuliço** se espalhou em segundos por todo o largo. (p.124)

O Sr. Administrador a custo alcançou **os correios**,... (...) encostados ao corrimão **dos correios**. (p.125)

Com movimentos delicados foi-se desprendendo devagarinho, deixando-o esparramar-se à vontade sobre a esteira de **carriço**. (p.132)

Chuva cerrada, mas já sem o **rebuliço** de há pouco,... (p.132)

